

# Qual o seu medo?

Mediunidade

Vidência

Anjos

Céu

Demônios

Incorporação

Inferno

Suicidas

Espíritos

Viagem Astral

Umbra

**Qualquer um pode fazer viagem astral?**

**"Sair do corpo" é normal?**

**O que me espera do "outro lado"?**

# ***Qual o seu medo?***

## **VERSÃO DIGITAL GRATUITA**

### **COMPLETA**



**SENSITIVA**  
**EDITORIA**

Rua Artista Puzzi, 200 – Centro

Itápolis – CEP 14900-000

Telefone: (016) 3262-2313

São Paulo – Brasil

[editora\\_sensitiva@terra.com.br](mailto:editora_sensitiva@terra.com.br)

Índices para catálogo sistemático:

Literatura brasileira: Romance: Sobrenatural

Sensitiva Editora, 2012. Itápolis. São Paulo.  
Prizmic, Marcelo

ISBN 978-85-66073-00-3  
CDD 869.935

## **Na saga Astral o extra-físico é revelado:**

**O lado Negro e Divino mostram  
suas verdadeiras faces.**

**Viagem Astral, Psicometria,  
Incorporação, Vidência, Mediunidade,  
Audiência, Vampiros Astrais, Larvas,  
Anjos e Demônios, Céu, Inferno,  
Umbral, são apenas alguns dos temas  
abordados nesta trama.**

***Qualquer um pode fazer a Viagem Astral?***

***“Sair do corpo” é normal?***

***O que me espera do outro lado?***

**Resposta para essas e tantas outras perguntas, você as terá respondidas acompanhando a história de uma menina moça, viciada em drogas, que o destino a leva a ser internada em uma clínica de recuperação.**

**Neste Livro 1, uma antiga paciente produz o fenômeno da Viagem Astral de forma natural. Ela equivoca-se na ajuda prestada as demais pacientes, levando-as a loucura ou não raro a morte.**

**Sabrina interfere, transformando a clínica em uma verdadeira arena de batalha.**

**VALE A PENA CONFERIR!!!**

## **Considerações Iniciais**

Apesar do conhecimento público e indiscutível da existência dos fenômenos tratados nesta obra, hoje estudados amplamente pela ciência moderna e por diversos segmentos religiosos e, além de fazer várias menções médicas referente a quadros clínicos mentais, deixo claro que não tive em nenhum momento a intenção de transmitir ao leitor ensinamentos científicos ou religiosos. O livro apresentado não é nenhum “guia fenomênico”. Utilizo a essência e tomo a liberdade de modificá-la ao meu bel-prazer atendendo aos interesses da narrativa.

Em “Qual o seu medo?”, a fantasia e a realidade se misturam, fatos verídicos e delírios pessoais compõem o quadro criado no intuito único de entreter.

Deixo ao leitor a tarefa de separá-los.

O autor

Itápolis, 06 de julho de 2009

## **Dedicatória**

A todos meus amigos e familiares que, vencidos pela minha insistência, foram obrigados a ajudar e me aturar durante o processo de amadurecimento desta obra, meus sinceros agradecimentos.

Faço questão de criar esta dedicatória especial, pois tenho consciência do quanto difícil me torno quando escrevo, perturbando a todos que me cercam com perguntas loucas, exigindo opiniões precisas, de algo que só eu consigo imaginar e, claro, ocasionando desentendimentos. E o pior: só aceitando críticas que me interessam.

Por ser grande a lista, friso apenas o nome de uma pessoa que sem dúvida foi a que mais sofreu: minha esposa, Denise Regina Brugnolle.

## **Explicações necessárias**

O presente romance não contém um narrador propriamente dito. O desenrolar dos fatos são contados pelos próprios personagens. Portanto, com exceção de Thomas, todo o restante da obra foi redigido na primeira pessoa.

Esta técnica tem por finalidade intensificar a experiência emocional do leitor, ou seja, permite transmitir na plenitude as emoções vivenciadas por cada personagem e, obviamente, o leitor recebe e sente com a mesma intensidade o que se passa, além de uma fácil visualização do perfil psicológico de cada integrante.

Cabe ao leitor ao iniciar a leitura de um novo bloco de texto, observar o nome existente no canto superior esquerdo, pois este será o narrador do momento.

## **Índice**

Família.....	8
Clínica de Recuperação Santa Dymphna.....	20
Visões.....	33
Ilusão Mortal.....	44
Medos Máximos.....	55
Psiquiatria.....	67
Samira.....	72
Fora do corpo.....	79
Vingança.....	87
Pesadelo x Pesadelo.....	95
Santa Dymphna.....	104
Recomeço.....	105

## **Família**

### **Adrian**

Estava no trabalho, sentado atrás de minha mesa quando o telefone tocou.

– Alô? – atendi mecanicamente apoiando-o no ombro.

– Sr. Adrian? – perguntou uma voz feminina.

– Sim. Sou eu... Em que posso ajudar? – respondi ainda concentrado na análise de um novo processo de separação.

– Sou do hospital Maria Teresa. Pediram para entrar em contato com o senhor para falar sobre sua filha Sabrina. Encontra-se internada neste instante devido a um acidente automobilístico. Mas tranquilize-se, ela passa bem. – falou a mulher sem tomar fôlego, não dando margem a crises emocionais.

Larguei tanto a caneta quanto alguns papéis, passando a segurar o telefone com as duas mãos.

– Sabrina? Então... Ela está bem? – perguntei sem pensar.

Levantei-me nervoso da cadeira.

– Sim. Precisamos apenas do comparecimento do senhor ao hospital para resolver questões administrativas.

Após breve conversa finalizei:

– Estou a caminho. Sei o endereço do hospital. Obrigado!

Desliguei o telefone descansando-o sobre sua base e saí em direção à sala da diretoria.

Informei um dos meus superiores sobre o ocorrido.

Autorizado, segui rumo à minha casa praticamente no caminho do hospital, no intuito de pegar minha esposa que, por estar de licença médica, encontrava-se lá.

Chegando ao destino, parei nervosamente o carro na entrada da garagem, e Steffani, vendo-me parar fora do



## *Qual o seu medo?*

*Marcelo Prizmic*

lugar costumeiro assim como muito antes do horário, estranhou. Fechou a janela da sala e veio ao meu encontro.

Antes mesmo que eu me aproximasse da porta principal, esta se abriu.

Uma vez inquirido sobre o meu retorno prematuro, deixei-a a par do acidente, praticamente da mesma forma que eu recebi a informação.

Steffani empalideceu, balbuciou algumas palavras na tentativa de diálogo sem sucesso. Somente aos poucos, através de palavras calma e otimista, tendo consciência que Sabrina estava a salvo e passando bem, acabou por tranquilizar-se.

Após nossa conversa inicial, aguardei-a na soleira da porta enquanto ela pegava um agasalho.

Seguimos ao Hospital.

Conversamos durante o trajeto sobre o quê poderia ter acontecido. Tentávamos adivinhar de alguma forma o motivo do acidente.

Como já era de se esperar, mediante ideias que se estenderam além do acidente propriamente dito, nossos ânimos inflaram-se. Se já não estivéssemos à porta do hospital, com certeza teríamos mais uma de nossas brigas.

Nosso casamento teve um ótimo período, mas após dezoito anos juntos, nossos entendimentos andavam aos tropeços. Não raro, com nervos alterados, colocávamos a culpa um no outro sobre uma possível falha na educação de nossa filha e, conseqüentemente, a culpa sobre o acidente ocorrido.

Sabrina passava por uma época conturbada.

Ambos ocupados com nossos trabalhos, tínhamos pouco tempo para acompanhá-la no dia a dia. Sabíamos e assumíamos nossas deficiências, mas obviamente não era culpa de apenas um. Se é que havia algum culpado. Se é que podíamos realmente chamar isto de culpa.

Nossa filha teve uma infância difícil: O pai biológico bebia e diariamente voltava alterado para casa. Ela presenciou diversas brigas entre o antigo casal, cenas de violência criadas pelo pai que espancava a mãe.

Exatamente nessa época, fui contratado por Steffani para cuidar das questões de sua separação.

Com o tempo, em consequência da proximidade necessária gerada por seu problema familiar, apaixonei-me casando depois de um certo tempo.

O antigo marido deu trabalho no começo do processo, mas ameaçado de várias formas, finalmente afastou-se. Nunca mais foi visto por nenhum de nós. Ouvimos apenas boatos que retratavam situações sem confirmação: Ouvimos que após certo tempo e distante, morreu a facadas em um bar, em uma briga na qual se envolveu.

No que diz respeito à nova família constituída, não tivemos filhos. Steffani tornou-se estéril prematuramente. Teve um problema com as trompas impossibilitando definitivamente uma nova gravidez.

A ideia de sermos um casal sem filhos próprios nunca me abalou. Aprendi a amar Sabrina como se fosse minha de forma incondicional.

Apesar de ter dezenove anos, Sabrina nunca namorou. Seu círculo de amigos sempre se limitou a pessoas do mesmo sexo. Acreditávamos que o passado familiar, tendo em mente a imagem do pai como agressor, afetou de alguma forma seu relacionamento com os homens. Preocupados com esta possibilidade e suas consequências, fazíamos com que visitasse periodicamente um terapeuta.

Logo na entrada do hospital nos separamos.

Contrafeito, perguntei:

– Aonde você vai?

– Vou procurar um médico. Quero ver quem é que está cuidando de nossa filha – falou ríspida saindo sem rumo.

Achei sua atitude inútil. Mas como ela estava com os

nervos à flor da pele devido nossos desentendimentos, agravados com a situação que vivíamos por causa de Sabrina, achei melhor não dizer nada.

– Que vá! Pelo menos estando longe não perturba. – pensei maldoso, também alterado.

Entre estes pensamentos, dirigi-me ao balcão conforme fui solicitado por telefone para resolver as questões referentes à internação de nossa filha. Fiquei preso vários minutos nesta condição.

O hospital era grande e, obviamente, por não ter encontrado o que procurava, Steffani acabou voltando mais nervosa do que antes à recepção.

Pelo menos desta vez ficou calada ao meu lado.

Concluído todos os trâmites necessários, fomos informados sobre o quarto em que nossa filha se encontrava. Obtivemos facilmente a autorização para vê-la e, por estarmos dentro do horário de visitas, caminhamos até ele sem trocarmos nenhuma palavra.

Rapidamente chegamos ao local.

O hospital era público, e a cena de um quarto hospitalar é e sempre será deprimente: janelas nuas, móveis frios, centenas de tons de branco, sons de aparelhos ligados e o cheiro inconfundível de produtos de limpeza.

Verificamos que Sabrina dividia o quarto com mais dois pacientes. Estava deitada e dormia profundamente.

Ao menos naquele momento, o ambiente em que estávamos era calmo, ao contrário dos outros quartos por qual passamos, havia vários pacientes falando alto ou gritando suas dores.

Steffani acomodou-se do jeito que pôde na cabeceira da cama e, com seus dedos carinhosos, procurou alinhar os cabelos de Sabrina, acariciando-os.

Um médico adentrou ao quarto.

Após as devidas apresentações, recebemos um convite para acompanhá-lo. Seguimos até uma pequena

sala.

Sentados à frente de uma mesa bagunçada que naquele momento servia de consultório, foi-nos informado o quadro atual de Sabrina:

– A princípio eu gostaria de dizer que a filha de vocês passa bem. Encontra-se dormindo sob o efeito de sedativos. Em breve acordará, mas devido às regras do hospital, só poderão falar com ela amanhã no horário de visitas. Quanto ao acidente, fui informado por paramédicos que a paciente comportava-se estranhamente. Segundo testemunhas, avançou sinal vermelho e andou um trecho de pista na contramão, colidindo violentamente com outro veículo – deu uma pausa escolhendo palavras. – Devido às circunstâncias que mencionei o acidente e, vocês sabem, é lei, foi executado por nós um exame para apurar possíveis toxinas em seu organismo...

Steffani, tentando adivinhar o que poderia vir à frente, o interrompeu:

– Nossa filha estava bêbada? – falou alterada.

O médico deu um suspiro.

– Não... – executando uma nova pausa – na realidade foram detectados em seu sangue vestígios de cocaína. A cocaína, é um dos principais componentes do crack\*. Sua filha estava sob seu efeito. Para agravar ainda mais a situação, tirando qualquer possível dúvida quanto ao seu uso pela paciente, foram encontradas várias “pedras” dentro do carro.

Senti neste momento o sangue esvair-se de meu rosto com a notícia. A última coisa que eu acreditava que pudesse acontecer com nossa filha, era o fato de se tornar uma viciada.

\*Crack – Derivado da cocaína comercializado na forma de pedra. De baixo custo e efeitos intensos, popularizou-se entre os jovens. Inalado, seus efeitos são imediatos.

A droga mencionada é potente, cria dependência com pouquíssimo consumo, além da expectativa de vida de seus usuários ficar entre três e cinco anos. Verbalizando o que se passava em minha mente, o médico concordou com meus receios. Sabendo dos efeitos e grau de dependência que a droga escolhida criava, aconselhou tratamento médico imediato.

Steffani não pronunciou mais nenhuma palavra, mas seus olhos “fora das órbitas” eram facilmente notados.

Levantamos de nossas cadeiras ainda abalados e sem rumo. Após alguns minutos, acompanhados pelos comentários e aconselhamentos do médico, recuperamos lentamente nosso autocontrole. Por fim, nos despedimos polidamente agradecendo sua ajuda.

Caminhamos novamente até o quarto de Sabrina voltando a vê-la. Steffani, agora sabendo o real motivo do acidente, observando a filha em seu leito, pôs-se a chorar. Após alguns segundos despediu-se por um gesto, enviando um longo beijo com a ponta de seus dedos.

Despedi-me de Sabrina mentalmente com o olhar fixo em seu rosto adormecido.

Já próximo à saída principal do hospital, ouvi me chamarem pelo nome. Olhando para trás, notei que a recepcionista que anteriormente me atendera acenava. Aproximei-me. Acompanhado por um largo sorriso, recebi de sua mão um dos meus documentos que havia esquecido no balcão. Agradei saindo em seguida.

Retornando ao carro, imaginei que a “sessão de quem é a culpa” voltaria a ser discutida a plena força, mas isto não aconteceu. Ao contrário, apenas um silêncio incômodo nos envolveu naquele instante.

Chegamos em casa rapidamente.

Após ocupar todo o fim da tarde que restou e boa parte da noite atrás de informações sobre drogas e suas

implicações, cansados, resolvemos dormir.

Trocamos poucas palavras durante este último tempo gasto em pesquisas, mas já na cama, como há muito não fazia, Steffani virou-se me abraçando.

Eu a sentia extremamente fragilizada.

As próximas semanas, sem dúvida, seriam difíceis. – pensei.

\*\*\*

Alguns dias se passaram sem novidades.

Visitávamos diariamente nossa filha e seu quadro clínico aos poucos se estabilizou. Ela apenas mantinha-se praticamente muda. Não respondia às questões que levantávamos sobre o motivo ou motivos que a levaram a se drogar.

Uma enfermeira que ouviu parte de nossas conversas aguardou pacientemente nossa saída. No momento que julgou propício cercou-nos no corredor:

Desculpou-se inicialmente pela intromissão e, antes mesmo que pudéssemos falar algo, aconselhou-nos a não pressionar Sabrina da forma que fazíamos.

Frisou que os porquês não importavam mais e sim, os meios possíveis de nos livrarmos do problema.

Disse que nossa filha naquele momento, precisava somente do nosso carinho e de nossa compreensão, arrematando que se houvesse uma razão específica, oculta, esta seria melhor discutida por um profissional da área.

Após alguns momentos de conversa e reflexões, concordamos. Agradecemos sua preocupação.

\*\*\*

A dependência à droga atormentava Sabrina

No próprio hospital administraram-lhe medicamentos

que abrandavam sua crise de abstinência e eu, como advogado, resolvia como podia as questões criminais referentes ao acidente e ao uso de drogas.

Fora isto, passamos por diversos profissionais de aconselhamento e, através de um deles, nos foi indicada uma clínica de recuperação.

Marcamos um horário.

Na hora programada pela instituição, conversamos com uma das assistentes de nome Mara. Esta tagarelava como se fosse uma vendedora qualquer que acreditava estar na posse de algum produto revolucionário, insubstituível:

– Nosso tratamento é desenvolvido a partir da individualidade do paciente. Desta forma criamos um programa de desintoxicação utilizando produtos fitoterápicos específicos para cada interno. [...] Contamos com uma excelente equipe de psicólogos que acompanharão o caso e buscarão a causa deste desvio de comportamento, no intuito de erradicá-lo. [...] Assim como nutricionistas que preparam os cardápios diários – falou em uma única reta sem tomar fôlego.

A clínica, mesmo sendo a mais próxima, ainda era afastada da cidade.

Sua construção era rude.

Algo me dizia que o lugar não era o ideal.

Devido a várias questões envolvidas, inclusive o mau pressentimento sobre a instituição e uma melhora aparente de Sabrina que abandonou o hospital naquele dia, decidimos tentar um tratamento em casa. Para tanto, eu e Steffani reduzimos de forma significativa nossa carga horária de trabalho e, mediante revezamento, conseguíamos assistir Sabrina em tempo integral.

Tivemos problemas desde o início.

A dependência química fez com que fugisse de casa logo na segunda noite em família em busca da droga. Na terceira noite ouvi barulhos fortes vindos do andar de cima e, assustado, subi as escadas pulando degraus em direção ao seu quarto.

A porta estava semi aberta.

Percebi que tudo estava no chão.

Sabrina andava de um lado para o outro como uma louca: Enfiava suas mãos no armário jogando os cabides com roupas postas de qualquer jeito. Virou sua caixa de tranqueiras de boca para baixo e chutou-a em seguida. Nem mesmo a estante de livros foi poupada. Parecia que tentava retirar de lá algo escondido. Espalhava tudo que tocava.

Segurei-a fortemente tentando fazê-la parar.

Preso em meus braços ordenou:

– Me solta. Tenho que tirar este animal daqui.

– Animal? Que animal? – perguntei surpreso.

– Ali... olha o bicho ali... – apontando para cima de sua escrivaninha vazia.

Percebendo minha confusão momentânea, concluiu:

– Você é cego?

Não respondi a pergunta.

O olhar de Sabrina estava estranho.

Girei neste instante a cabeça para Steffani que ficou à porta acompanhando a cena. Ordenei que ela chamasse o médico imediatamente.

Soltei Sabrina de meus braços e consegui com dificuldade que se deitasse.

Ali, sentado na beira de sua cama, permaneci aguardando.

Em pouco tempo um médico amigo da família estava em casa, e após atender Sabrina, ministrando-lhe algo, ela dormiu profundamente.

Descemos as escadarias em direção à sala e, uma vez acomodados, o médico explicou:



– Mediante o que me disse, e pelo que pude apurar observando sua filha, posso deduzir que ela está sofrendo o que chamamos delírio\*.

– O que devemos fazer? – questionei.

Steffani interrompeu:

– Delírio? Minha filha está tendo alucinações? Está louca?

– Acalme-se senhora. – pausou. – É uma situação reversível, passageira. É apenas um estado anormal temporário. Não é uma doença, ok? Não se preocupe – pausou novamente. – O uso de drogas provoca esses efeitos em alguns casos...

Notando que Steffani não estava em condições de assimilar informações devidamente, virou-se para mim e continuou:

– Você me disse que a notou confusa. Que sua filha não consegue prestar atenção e teve dificuldade em raciocinar com clareza, correto? – perguntou sem esperar resposta. Continuou: – Todos estes itens fazem parte dos sintomas. Mas tudo que lhe disse precisa ser comprovado. Eu gostaria que levasse sua filha amanhã ao meu consultório.

\*Delírio – Perturbação reversível causada pela diminuição de atividade mental. As causas são várias, indo desde a uma simples desidratação, lesões ou traumas na cabeça, até intoxicação por drogas. Entre os sintomas destaca-se a perda da capacidade de concentração, esquecimento de fatos recentes e perda do sentido de tempo e espaço.

Em casos graves pode se perder o sentido de identidade, assim como tornar-se vítima de alucinações nas quais vê o que não existe. Dependendo da droga consumida, o paciente pode se tornar retraído ou muito agitado. Costuma durar dias, horas ou mais tempo. Normalmente agrava-se à noite.

O delírio, em última instância, pode progredir para um estado de coma.

Após acertarmos detalhes da consulta vindoura, retirou-se.

### **Thomas**

Do outro lado da cidade, na clínica de recuperação anteriormente visitada por Adrian, uma das internas estava sentada em sua cama na penumbra da noite.

O ambiente era lúgubre: paredes descascadas, móveis velhos e baixa iluminação que serviam somente para intensificar esta sensação. Fora isto era espaçoso para os padrões de um quarto de clínica convencional.

Continha três cômodos: um banheiro privado e uma sala com vários brinquedos agregados ao quarto principal.

A mulher que ali estava aparentava perto de trinta anos, mas encontrava-se neste momento afagando os cabelos de uma boneca. Balançava suavemente seu corpo para frente e para trás com o olhar fixo no infinito.

Falava sozinha:

– O melhor meio de se livrar dos medos é os enfrentando... Vou ganhar mais uma amiguinha – repetia continuamente em voz monótona.

### **Adrian**

No dia seguinte, após executar os exames devidos e respondermos a uma bateria de perguntas do médico que nos visitou na noite anterior, tivemos sua visão final sobre o caso.

Em todo o processo de respostas dadas por Steffani, notei que mudou de expressão somente quando questionada sobre alguns aspectos de ordem sexual do passado de Sabrina. Posteriormente, quando perguntei sobre o fato, disse apenas que não havia nada a ser mencionado, que foi apenas impressão minha. Convencido, não voltei a tocar no assunto.

Conversamos também com outros profissionais

chegando todos à mesma conclusão: ela precisava realmente de ajuda especializada. Isto, sem dúvida, seria o melhor para ela.

Os últimos incidentes em casa provaram que nossa decisão não foi acertada. Tínhamos apenas boa vontade, e com certeza ela se mostrou insuficiente para resolvermos a questão apresentada.

A clínica que tinha sido indicada inicialmente, apesar de não ser de meu agrado, era exclusivamente feminina e de melhor localização que as outras, facilitando visitas frequentes e, esses fatos, pesaram muito na escolha da clínica. Desta forma voltamos a nos comunicar com a instituição agendando a internação para o dia seguinte.

\*\*\*

Levantamos cedo, arrumamos suas malas separando o que julgamos necessário para o seu bem estar e nos colocamos a caminho.

Nossa filha estava estranha, falava pouco e não se lembrava dos últimos fatos ocorridos. Conversando, voltamos um pouco ao passado, e perguntei sobre o animal que estava em seu quarto, sua forma, enfim, o que era.

Sabrina interrompeu:

– Eu queria que vocês parassem de fazer perguntas cretinas. Estou cansada dessas bobagens. Vocês é que deveriam ser internados ou presos por inventarem coisas desse tipo...

– Mas querida... – tentou Steffani dizer algo sendo logo interrompida:

– Não aguento mais o jeito que as pessoas me olham, quase me chamando de coitada. Vocês é que enlouqueceram e estão me ferrando com este papo idiota. Odeio vocês – finalizou.

Silenciamos.

Olhando para Steffani de soslaio, notei uma lágrima rolar por sua face.

Chegando à clínica, retiramos as malas do carro e as entregamos a dois jovens assistentes que se encarregaram de levá-las.

Na recepção acertei os detalhes faltantes.

Despedi-me de Sabrina com um abraço prometendo visitá-la com frequência.

Ela abraçou-nos com frieza.

## **Clínica de Recuperação Santa Dymphna**

### **Sabrina**

Largaram-me sentada em uma pequena sala de espera enquanto meus pais resolviam detalhes sobre minha internação.

O lugar apesar de limpo era feio, antigo, como se nunca houvesse sido reformado. O balcão, a mesa de centro, alguns enfeites, tudo que meus olhos alcançavam parecia ter sido retirado de algum filme do século “retrasado”. A própria cadeira na qual me sentei encontrava-se com o assento rasgado.

Olhando para cima, vi uma pintura a óleo de uma santa sobre um oratório caindo aos pedaços. Ao seu pé lia-se com dificuldade a inscrição “Santa Dymphna”.

A santa olhava para mim e, Incomodada com o fato, mudei imediatamente de lugar. Sentei-me em outra cadeira na esperança de sair de sua linha de visão, mas de nada adiantou: a santa insistia em me seguir com os olhos.

Não me assustei, sabia que o fato não tinha nada de sobrenatural, pois qualquer foto ou pintura que fosse feita de frente geraria esta ilusão. A questão é que tudo me irritava. Eu estava nervosa e chateada.

– Esta foi a melhor maneira que acharam para se livrarem de mim. Com certeza também era a mais barata que encontraram. – falei alto sem ser ouvida.

Levantei-me da cadeira neste momento, mediante a aproximação de meus pais que caminharam em minha direção com um sorriso estúpido estampado em seus rostos.

Parei.

– Fique bem. Voltaremos em breve para vê-la – falou Adrian abraçando-me.

Minha mãe também se despediu, mas apenas beijando meu rosto. Deram-me as costas sem mais nada dizer e foram embora.

–Não preciso de vocês – resmunguei. Já pensando em criar um plano de fuga no momento certo.

\*\*\*

Fora a recepcionista, parecia que só existiam mais dois funcionários naquele “pulgueiro”.

Os mesmos rapazes que recolheram minhas malas se dirigiam neste instante para o local em que eu estava. Um desviou-se a caminho da recepção e o outro veio ao meu encontro. Mediu-me da cabeça aos pés enquanto eu olhava para outro lado. Em certo momento, percebendo que eu havia notado seu olhar curioso, enrubesceu.

Após o convite para segui-lo, por não ter alternativa, o acompanhei.

Durante o trajeto passamos por várias alas, permitindo que eu percebesse a existência de vários outros profissionais.

A clínica era bem maior do que eu havia imaginado.

O rapaz, tentando ser amigável, falava sobre as alas conforme andávamos, assim como a função de algumas pessoas ali presentes. Por não estar interessada em detalhes, não prestava atenção no que dizia.

Apesar de achar o lugar horrível, percebi que as alas continham um bom número de pacientes.

– É... Eles têm bastante clientes aqui – pensei ironicamente.

Chegando a um pequeno quarto localizado no último andar da clínica, verifiquei que dividiria o espaço com mais três mulheres que, pela linguagem e modos, pareciam pessoas de baixa classe.

– Sem dúvida alguma foi o local mais barato que encontraram.

– Disse alguma coisa? – perguntou o rapaz que me acompanhava.

– Não. Falava sozinha – respondi secamente.

Após ser apresentada à minha nova cama, fui informada que em breve uma enfermeira viria me ajudar com não-sei-o-quê e saiu, deixando-me momentaneamente a sós com aquela gentilha.

Bronqueada e sem olhar para os lados, desfiz minhas malas ajeitando as roupas que trouxe do jeito que consegui, dentro de gavetões localizados debaixo da cama, que, além de pesados estavam emperrados.

Escolhia algumas peças pensando em trocar de roupa, em colocar algo mais leve, quando o meu novo uniforme foi jogado sobre os lençóis por uma enfermeira gorda, abrutalhada.

Assustei-me com o ato.

Analisando e odiando de imediato o uniforme depositado sobre a cama, empurrei todas as peças jogando-as no chão.

– Não vou vestir essas porcarias! - disse criando caso com as roupas entregues que mais se pareciam com pijamas.

– Olha lá! Mais uma burguesinha. Deve ser uma irmã bastarda sua – comentou uma das moças à outra que estava em pé ao seu lado.

– Cala a boca cretina! – respondeu a outra, ríspida.

As três moças não falaram mais nada, ocupavam-se agora em apenas observar minha longa e acalorada discussão sobre os trajes com a enfermeira.

Por um momento, nosso tom de voz ergueu-se em demasia, chamando a atenção de outra mulher que passava no corredor. Quando a segunda enfermeira se juntou à primeira, me vi no meio de um bate-boca cansativo e, sentindo que não havia saída acabei cedendo.

– Você não é melhor do que ninguém, menina – finalizou a brutalhada, saindo e levando consigo minhas roupas, exceto as íntimas, no intuito de me deixar sem opção.

A decisão da enfermeira funcionou. Passei a me vestir com o maldito uniforme e depois ajeitei minha cama.

Mudei o travesseiro que estava no centro do colchão, e sob ele havia uma aranha gigantesca escondida.

Soltei um grito estridente, afastando-me bruscamente quase perdendo o equilíbrio.

Neste instante pude ouvir inúmeras gargalhadas das outras pacientes atrás de mim.

Fuzilei com o olhar uma das moças que ria sem parar e, nem por isto ela se calou.

Após o susto, constatei que a aranha era de plástico.

Raivosamente, fui até o banheiro e joguei-a dentro do vaso sanitário, dando a descarga em seguida. Ouvi a uma curta distância os protestos das moças.

Para evitar discussões posteriores, saí do quarto sem destino, batendo a porta atrás de mim. – Parece que as “boas vindas” já haviam sido dadas. – pensei.

## **Thomas**

A clínica contava com um espaço físico invejável. Continha instalações apropriadas para tudo que julgavam

ser necessário aos pacientes internados, assim como áreas para atividades em grupo ou individuais.

Contava com biblioteca, sala de reuniões, sala de TV, sala de leitura, salão de jogos, além das dependências comuns. No lado externo, podia-se encontrar vários jardins, quadras para esportes e até uma horta. O uso destes lugares era livre para os dependentes químicos e para alguns pacientes psiquiátricos previamente autorizados.

Sabrina tinha livre acesso as estas áreas e, após dois dias conhecendo as instalações, transitava por suas dependências sem dificuldade.

Passou pela biblioteca rapidamente, escolheu um livro e resolveu lê-lo em outro lugar.

O jardim, apesar de mal cuidado, deixava transparecer certa imponência do passado: árvores majestosas, centenárias, acariciavam com sua sombra todas as pessoas que desejassem descansar longe do calor do dia. Ao centro, uma fonte desligada e suja, lembrava por suas formas um pouco da arte grega.

Sabrina encontrava-se sentada em um dos bancos do jardim; segurava aberto o livro escolhido, mas não o lia. Estava completamente imóvel.

Seu semblante era apático.

Da janela de um dos quartos que dava visão ao jardim, Samira, uma moradora antiga, interna da ala psiquiátrica, observava Sabrina com atenção, medindo-a de alto a baixo. Dava a impressão que intencionava decorar-lhe a imagem. Observava suas formas detalhadamente: Cabelos lisos, negros e longos caídos sobre as costas; seu rosto ovalado chamava a atenção e, apesar de conter expressões cansadas, era harmonioso e róseo, assim como suas mãos finas e longas, próprias de uma pianista. Ela transmitia a



marca viva da feminilidade a todos que a observassem.

Samira sentia pena da nova interna. Dizia para si mesma que a ajudaria em breve, que precisava vencer seu passado para ser feliz. Para tanto, faria de tudo para conhecê-la melhor. Afastou-se da janela e sentou-se novamente na cama, passando a alinhar o cabelo de sua boneca com os dedos. – Nós vamos ajudar ela também. Não é? – perguntou para a boneca em seu colo.

Deitou-se, apesar do sol alto, se cobriu com um lençol leve e dormiu.

\*\*\*

Do outro lado da clínica, o diretor da instituição encontrava-se em sua sala, que era, sem dúvida, o ícone da bagunça e do abandono. Apenas sua mesa e cadeira encontravam-se livre de poeira pesada. Afinal, justamente os movimentos que executava sobre elas impediam que a sujeira se acumulasse. Caso alguém que desconhecesse o local entrasse na sala por engano, facilmente a confundiria com um depósito qualquer de materiais fora de uso.

O diretor neste momento ocupava-se em atualizar várias fichas de pacientes e, ao mesmo tempo, conversava com Rafael sobre os medicamentos mantidos em estoque. Rafael entregou uma lista com vários itens que estavam próximos do fim.

Após algumas trocas de palavras o diretor abriu a pasta de Sabrina. Rafael, vendo uma foto de aniversário na qual a moça fazia pose de corpo inteiro, comentou:

– Difícil esta mulher. Não?

– Não tive oportunidade de conversar com ela ainda, mas... por que diz isto?

– É uma mulher de difícil trato. Está sempre de mau humor. Não permite a aproximação de ninguém. Vive armada com duas pedras na mão.

O diretor meditou um pouco sobre o que ouvira.

Percebendo que seu empregado falou sem tirar os olhos da foto comentou:

– É uma bela mulher. Não é?

– Sim. Sem dúvida – respondeu prontamente.

– Está chateado porque ela não permite que você se aproxime?

– Como, senhor? – respondeu enrubescendo.

O diretor sorriu, depois aconselhou:

– Cuidado. Ela sofre de delírios neste momento. Pode a qualquer instante confundi-lo com algo que teme em suas alucinações, ferindo-o. Não é muito inteligente se apaixonar por ela agora. – pausou. – Aqui nesta instituição ela é apenas mais uma paciente – emendou sério.

– Sou um profissional, senhor. Sei o meu lugar.

– Acho bom mesmo. Deixe as paixões para o lado de fora da clínica – finalizou, entregando um envelope para ser deixado na portaria.

Rafael pediu licença e saiu da sala.

O diretor antes de guardar a pasta de Sabrina, pegou novamente a foto e acariciou-a com a ponta dos dedos: Contornou lábios, cabelos, coxas e seios. Sentiu-se enrijecer. Seus olhos faiscavam. Após tocar-se momentaneamente, guardou a pasta e todo o seu conteúdo em lugar apropriado.

## **Rafael**

Neste ano, passaram para mim a tarefa de organizar a mesa em homenagem à Padroeira de nossa casa.

Resolvi, ao invés de utilizar flores compradas como de costume, fazer um buquê com silvestres, colhidas nas dependências da própria clínica.

Estava quase terminando os arranjos: Coloquei tubos de vidro nas velas para evitar que se apagassem, quando Sabrina, a mais nova paciente parou ao meu lado.

Perguntou curiosa:

– Por que está arrumando esta mesa? Parece um altar.

– Amanhã é quinze de maio e, na semana que cai este dia, costumamos arrumar esta pequena mesa para homenagear a nossa Padroeira. Este ano sobrou para mim montá-la e enfeitá-la.

Enquanto respondia à pergunta, ocupei-me em encher o vaso de vidro que sustentava o buquê com a água de uma moringa que previamente trouxera, enchendo-o até a metade.

– Padroeira? Quem é ela?

Apontei para cima.

– Esta é a Santa Dymphna de Gheel, é considerada padroeira dos portadores de deficiência mental e doenças de foro psíquico – respondi, notando que Sabrina mudou de expressão quando olhou para a pintura.

– O que aconteceu? Já conhecia este quadro?

Explicou-me que, no dia em que chegou à clínica, os olhares da Santa a perseguiram, e que se sentira incomodada com o fato.

Tentei explicar-lhe o motivo, mas fui interrompido. Disse que já o sabia.

– Voltando ao assunto: aqui não é uma clínica de recuperação de drogados? O que isto tem a ver com doenças mentais?

– Sim, é. Mas antes de sermos o que somos hoje, a instituição trabalhou muito tempo exclusivamente como hospital psiquiátrico. Com o tempo tornou-se mista – respondi ajeitando o buquê.

– Mista? Tem gente doida aqui?

Não gostei da forma como formulou a pergunta.

Tive vontade de lhe dizer o que realmente pensava a seu respeito, mas não o fiz. Respondi apenas disfarçando minha indignação:

– A clínica dividiu suas operações há alguns anos. Hoje

temos várias alas para tratamento de doentes mentais e outras tantas para recuperação de jovens viciados.

Sabrina olhava em minha direção, mas tinha certeza que seu olhar transpassava pelo meu corpo, fixando-se em um ponto longe qualquer.

Como estávamos dentro do horário de almoço, Sabrina disse que iria ao banheiro lavar suas mãos e seguir para o refeitório. Virou-se sem ao menos se despedir.

Apesar de mal criada era sem dúvida uma bela mulher.

Por instinto, segui o seu andar com os olhos presos um pouco abaixo de sua cintura. Suas formas me chamaram a atenção diversas vezes, mas seu gênio forte e trato péssimo com as pessoas tornavam-na intragável.

Mara, a recepcionista, percebendo para onde eu olhava soltou cortante:

– Cuidado, Rafael. Este é o jeito mais curto de se perder o emprego – sorriu.

Dei com os ombros. Concluí o arranjo e retirei-me finalmente da recepção.

## **Sabrina**

Entrei no banheiro vazio.

Lavei minhas mãos e ajeitei meu “pijama” apertando um pouco mais o laço da cintura. Enquanto fazia isto, uma brisa gélida me envolveu. Um arrepio varreu meu corpo inteiro, além de sentir em minha cabeça uma espécie de formigamento.

Procurei a causa à minha volta; talvez alguma entrada de ar. – pensei. Virando os olhos para cima pude constatar que realmente as janelas superiores estavam abertas.

Olhando atentamente acima dos cubículos que continham os vasos sanitários, vi uma névoa escura flutuando sobre eles, mas ao primeiro piscar de olhos, desaparecera. Estando cansada e com fome, atribuí a visão a estes fatos.

Dirigi-me ao refeitório esquecendo o ocorrido.

A cozinha estava lotada.

Pensei em ir até o quarto e voltar mais tarde, quando houvesse menos pessoas, mas percebendo que a fila se movia mais rápido do que de costume, entrei para ser servida.

– Acho que um porco é bem melhor tratado! – pensava comigo, observando o espalhar relaxado da comida dentro do meu bandeirão de alumínio.

Lembrei do dia em que vi as cozinheiras lavando as bandejas: mergulhavam várias de uma única vez dentro dos próprios painéis de chão utilizados para prepararem a comida, depois mexiam com uma gigantesca colher de pau, fazendo-as subir e descer banhadas com água quente e detergente.

Quase vomitei mesmo antes de comer.

– Isso era jeito de se lavar alguma coisa?

Sentei-me no lugar costumeiro, espantando essas lembranças. Afinal, era obrigada a ingerir aquilo, a menos que desejasse morrer de fome. Entretida nestes pensamentos, não havia percebido que à minha frente uma moça um pouco mais nova que eu, esquelética, que nunca se sentara naquele lugar me olhava insistente. Como não tirava os olhos de mim, não aguentando, questionei:

– O que foi? Está olhando tanto para mim por quê?

Ela, como se estivesse no “mundo da lua”, não percebendo minha má vontade, respondeu pausadamente:

– Você é muito bonita. Se eu soubesse desenhar ia querer fazer um retrato seu.

Notei que a moça tinha problemas mais sérios que os meus.

Talvez arrependida pelo meu mau trato inicial, esforcei-me em responder suas questões vazias. Fiz também algumas perguntas no intuito de contentá-la. Tinha certeza que era só.

Perguntei há quanto tempo estava internada, e como ela não soube responder, desconfiei que, apesar de nova, era “cliente” da casa já há um bom tempo.

Descobri que a razão dela estar neste “antro” era o mesmo de sempre: drogas. Mas percebi que, no seu caso, a química e o tempo de uso ou ainda o excesso, comprometera seriamente sua mente.

Em certo momento identificou-se como Anna e de repente, assustada sem nenhum motivo aparente, perguntou:

– Você já os viu?

– Quem?

– Os mortos! Não te falaram que aqui os mortos aparecem para os vivos? – perguntou-me em sussurro, como se confiando a mim um estupendo segredo.

Sorri em pensamentos: Um lugar horrível como este, se não é assombrado, com certeza deveria ser.

Controlando o riso continuei com a conversa:

– Não. Não sabia. Quem mais já viu?

– Todo mundo – abrindo os braços – até a cozinheira Pipa já viu – apontando com o indicador para uma mulher de meia idade que cheirava uma panela.

– O que você já viu? – perguntei por perguntar.

– Vejo pacientes que já morreram. – pausou. – Você sabia que aqui ninguém recebe alta? Sempre pioram... pioram... e, cada vez que pioram, são mandados para um lugar pior, até que uma hora morrem?

Arrepiei dos pés à cabeça com este comentário.

Era sem dúvida irracional, mas a sequência dos fatos relatados me pareceram lógicos demais para uma cabeça naquele estado formular, inventar.

– Eles têm muitos pacientes presos aqui... – continuou.

– Estão presos para não machucarem os outros. São bem estranhos. Você já os viu?

Respondi sucintamente de forma negativa; ainda

estava pensando no que ela dissera anteriormente. Sabia da existência de outras alas, mas não tinha ideia do que se passava por lá.

– Tenho muita pena deles. Aqui a comida é tão boa... – falou tristonha, carregando outra garfada e levando a boca.

Foi demais para mim. Perdi de vez a fome neste instante. Levantei-me da mesa com a bandeja praticamente do mesmo jeito em que a recebi.

Disse a Anna que tinha coisas a fazer naquele momento, mas prometi que voltaríamos a nos falar mais em outra hora.

A caminho do local onde normalmente deixamos as bandejas para serem lavadas, pensei em tudo que ouvi: Juntando a questão dos fantasmas com o seu último comentário elogiando a comida, cheguei à conclusão de que realmente ela tinha problemas bem mais sérios do que eu havia imaginado.

Ri sozinha, caminhando em direção ao meu quarto com a intenção de descansar e ler alguma coisa.

Já no quarto, escovando os dentes, associei o que Anna dissera com as sensações estranhas e a névoa escura vista no banheiro.

Fiquei preocupada.

– Meu Deus! Quanta bobagem! Se eu começar a pensar desse jeito vou acabar igual a ela.

Joguei-me sobre a cama, abrindo uma revista para espantar os últimos pensamentos.

Um bom tempo se passou.

A leitura acabou por fazer meus olhos pesarem, peguei no sono apesar do horário.

Não tive recordações exatas posteriormente, pois a penumbra do sonho era maciça, impedindo a visão de quem quer que fosse.

Sentia apenas que algo de ruim acontecia: Um homem

e uma criança contracenavam nas sombras deste cenário macabro. Entre imagens falhas, via uma menina sendo manipulada por um homem mais velho, ora colocando-a em pé, ora colocando-a sentada sobre a cama. Apesar de não perceber nenhum tipo de agressão, ouvia um choro abafado e pequenos soluços da menina. Parecia estar seminua, e empurrava o homem dentro dos limites de suas forças tentando desvencilhar-se.

Imaginei que talvez o homem fosse um pai ou um parente próximo, que as cenas representassem algum tipo de represália a algo que a menina pudesse ter feito.

O homem a tombou-a na cama grosseiramente, mantendo-a presa por uma de suas mãos enquanto com a outra procurava desvencilhar-se de sua camisa.

Parecia incomodado com o que vestia.

Senti-me angustiada independente da razão do corretivo, pois a diferença de forças tornava a cena covarde.

A menina, percebendo a inutilidade de seus esforços para se defender, ou talvez já cansada, não mais se debateu.

Observava o desenrolar dos fatos quando, sem mais nem menos, uma mulher entra por uma porta aos gritos. Ela segurava algo de haste longa que não pude identificar. Após agredir violentamente o homem diversas vezes, tentou aproximar-se da menina sem sucesso, pois ele revidou a agressão.

Sentindo-me extremamente nervosa com a situação, comecei a me debater na tentativa de acordar. Sabia tratar-se de um sonho. Parei com meu intento quando uma cena dantesca se formou: em uma passagem que do nada se abriu, desde o céu escarlate até as linguetas de fogo queimando seus desafortunados no inferno puderam ser vistos. Um novo personagem surgiu no local; apesar de usar vestes negras que reluziam, não combinava com a cena. O lugar iluminou-se neste momento. Tudo desapareceu,



restando apenas uma tela mental brilhante.

Acordei transpirando.

## **Visões**

### **Sabrina**

Parece que o sono e o pesadelo depois do almoço afetaram de alguma forma o sono da noite. Não conseguia conciliá-lo e, para piorar, uma dor de cabeça forte me envolveu.

Virava-me sem sucesso de um lado ao outro da cama procurando uma posição que pudesse amenizar o que sentia.

Estiquei-me e meus pés tocaram algo frio.

Pensei tratar-se de mais alguma brincadeira estúpida de alguma das moças companheiras de quarto; ergui-me, pronta para proferir um belíssimo palavrão.

A ideia original se perdeu.

Tive a impressão que meu coração e pulmões pararam.

Estava gélida, como se todo o sangue tivesse abandonado meu rosto e corpo.

Parei simplesmente, impossibilitada de me mover.

O corpo do animal deslizava sobre a cama em movimentos lentos. Não conseguia tirar meus olhos dos seus, me sentia hipnotizada. Sua cauda longa oscilava de um extremo ao outro da cama em um calmo e ritmado balançar.

Aproximava-se lentamente. Tive a impressão que a qualquer momento me atacaria. Envolvia-me aos poucos, até que senti estar completamente cercada pela criatura.

A cabeça do animal aproximou-se em demasia, e um cheiro forte provindo de seu hálito invadiu minhas narinas.

Pensei neste instante em fugir, sair dali, mas a gigantesca cobra, adivinhando meu intento, fechou seu

corpo rapidamente sobre o meu, em um esmagador abraço mortal.

Senti-me sufocada, mas mesmo assim, consegui gritar com todas as forças, despertando a atenção de duas plantonistas.

Ambas vieram prontamente ao meu socorro; gritavam meu nome sem parar entre outras palavras que eu não conseguia compreender. Seguravam-me pelos braços, na tentativa de me arrancar do mortífero aperto do animal.

As outras mulheres que dividiam o quarto comigo estavam presentes, mas acredito que, sem coragem para intervir, assustadas, mantiveram-se distantes.

Sentindo um choque que percorreu toda a extensão de meu corpo, vi quando a cobra picou violentamente meu braço. O gigante animal se contorceu satisfeito com o ato.

Com a dor, perdi os sentidos segundos depois.

## **Adrian**

Cheguei à clínica no horário programado para visitas acompanhado por Steffani.

Logo na recepção fui informado por uma médica que Sabrina tivera delírios novamente e se encontrava na enfermaria naquele instante.

Após algumas informações rápidas, um dos assistentes se ofereceu para nos acompanhar e, em pouco tempo, estávamos na companhia de nossa filha.

Sabrina dormia, mas suas feições eram amargas.

Steffani tentou segurar uma de suas mãos pendida ao lado da maca, e somente seu leve toque foi suficiente para acordá-la de sobressalto: Recolheu sua mão instintivamente de forma brusca para baixo do lençol que a envolvia.

– Pai? Mãe? – perguntou-nos assustada.

Calou-se pensativa em seguida.

– Olá, Sabrina. Me disseram que você teve problemas nesta noite...

– Mas mãe... foi tão real... – falou, interrompendo Steffani, ciente de ter sido vítima de uma ilusão.

– Acredito que tenha sido mesmo. Lembro bem do dia que colocou seu quarto abaixo, procurando por um animal qualquer. Vi como você estava e a força que seu pai fez para contê-la. Como se sente hoje?

Sabrina ficou em silêncio por alguns segundos, pensativa, respondendo e questionando a seguir:

– Estou um pouco zonza, com um pouco de dor de cabeça, talvez. – pausou – Como não lembro do que aconteceu em casa?

– Segundo o médico, um dos sintomas do delírio é esquecer fatos recentes – respondi.

Sabrina questionou também o porquê de ter esquecido o delírio ocorrido em casa e não o da noite anterior, assim como as possibilidades de tratamento.

Respondi às questões levantadas e, enquanto falava, lendo seu semblante, percebi que realmente ficara assustada.

Percebeu que em nenhum momento mentimos conforme pensava. Como resultado, desculpou-se, prometendo colaborar com o tratamento. Finalizou pedindo para que torcêssemos por ela.

Neste momento, ouvindo seu pedido, nem eu nem Steffani aguentamos a emoção; abraçados, acabamos os três em choro.

Uma enfermeira de grandes proporções entrou com uma bandeja nas mãos contendo um copo com água e alguns comprimidos. Pediu para que Sabrina se sentasse.

Após ser obedecida, ministrou-lhe os medicamentos. Percebendo que as feições dos presentes não eram das melhores, arriscou:

– Que força você tem, hein, mocinha?! Eu tenho dez vezes o seu tamanho, mas não tenho nem metade de sua força – falou abrindo um simpático sorriso.

## ***Qual o seu medo?***

*Marcelo Prizmic*

Sabrina também sorriu e, como estava diante de algo novo, pediu detalhes do incidente, afinal, somente agora entendera.

A enfermeira não se fez de rogada e, atendendo de pronto seu pedido, passou a expor passo a passo o ocorrido.

Cada uma contou sua versão.

A conversa foi curta, mas suficiente para que a enfermeira visualizasse o que nossa filha enfrentara em sua ilusão: A enfermeira “torceu o nariz”, e finalizou, soltando um clássico “Deus me livre”.

Sabrina disse também que desmaiou de dor, com a picada que levou no braço.

A enfermeira explicou:

– Você se debatia muito. A dor que sentiu, foi com certeza o sedativo que te aplicamos com dificuldade – deu uma pausa pensativa – a sua cobra tinha quantos “dentes”? - perguntou.

– Duas presas... lógico...

– Então olhe para seu braço, menina – ordenou brincalhona.

Sabrina apalpou-se, girou a cabeça e analisou o local onde fora picada. Constatou que existia apenas uma perfuração, apesar do inchaço.

Como percebemos em seu rosto um inconformismo hilário, todos rimos com sua expressão.

Depois de despedir-se com bom humor, a enfermeira retirou-se nos deixando a sós. Com o tempo as conversas tomaram outros rumos, desta vez mais leves.

## **Martha**

A missa em homenagem à padroeira começaria dentro de cinco minutos.

– Inferno! Todo mundo já está aqui e nada daquele palhaço aparecer – pensava.

## *Qual o seu medo?*

*Marcelo Prizmic*

Uma das coordenadoras da clínica já estava empurrando todos os presentes para dentro da capela e nada do meu primo aparecer.

– Maldito! Se ele não aparecer com a minha encomenda, quando sair daqui eu o mato – pestanejei.

Neste instante senti me pegarem pelo braço.

Com um falso sorriso no rosto, a coordenadora educadamente levou-me até a porta da capela e esperou ao meu lado até que eu entrasse.

Sentei-me ao fundo.

O padre de uma paróquia próxima foi convidado para celebrar a missa naquele dia e, após a oração inicial e algumas palavras, passou a contar um pouco da vida da referida Santa.

A comemoração tivera início.

Não estava interessada na missa, passei a observar os presentes à minha volta: vi que Sabrina, Sofia e Vanessa estavam sentadas mais à frente com os seus respectivos familiares.

Lá, bem na frente, quase dentro do altar encontrava-se Samira, uma paciente grave da ala psiquiátrica. Mostrava-se numa pose exagerada, ajoelhada e de mãos postas ao alto; parecia estar dependurada pelas mãos.

– Religião é pra doido mesmo – pensei.

Neste ínterim, meu primo apareceu na porta principal procurando-me com os olhos.

Levantei-me de sobressalto.

Pensei em ir ao seu encontro, mas fui impedida pela coordenadora:

– Onde pensa que vai, menina?

– Meu primo chegou – falei empolgada. – Vou buscá-lo.

Ela, verificando a direção em que eu olhava e percebendo ser verdadeiro meu comentário, concluiu:

– Sente-se onde estava. Sou eu que irei buscá-lo.

– Então, tá! Vai lá buscá-lo pra mim... “empregadinha” – pensei com um falso sorriso nos lábios.

Voltei a me sentar no banco duro, acompanhando os movimentos da coordenadora com os olhos. Vi quando trocou breves palavras com meu primo, fazendo-o acompanhá-la.

Ele se sentou ao meu lado.

– Tudo bem, Martha? – cumprimentou-me mecanicamente.

– Desgraçado. Por que demorou tanto? Achei que você não vinha mais. Trouxe o que te pedi?

– Calma, doida. Só me atrasei, e daí? Está com pressa do quê? Vai ficar por aqui um bom tempo ainda – riu maldoso, passando do bolso dele para o meu um pequeno embrulho. – E quanto à grana? Estou desempregado e não dá para ficar pagando para os outros...

– Está aqui... – interrompi, executando o mesmo processo de troca feito com a droga anteriormente.

– Sério? – riu-se. – Onde arranjou dinheiro? Está saindo com algum funcionário? Pensei que ia me dar bolo\*...

– Não vendo meu corpo – respondi ríspida. Trouxe escondido. Você não acha que eu ia ficar na seca\* aqui, acha?

– Pena. Eu até podia fazer uma força e gastar uns trocos com você. Você fica gostosa neste uniforme – comentou maliciosamente medindo-me na altura dos seios.

Percebi que a coordenadora se aproximava devido a nossa conversa, não dando tempo de responder-lhe a altura. Limitei-me a ajoelhar no banco fingindo rezar. Meu primo, ao meu exemplo, acompanhou-me rindo disfarçadamente.

\* Me dar bolo – Deixar de pagar uma dívida.

\* Na seca – Período de abstinência à droga.

**Sabrina**

Não estava prestando atenção ao que o padre falava, estava cansada por falta de sono. Alguns sonhos estranhos me assombravam ultimamente; fora o fato de estar ainda presa às recordações da cobra que me estrangulara.

De cabeça baixa, revirava minha pequena agenda telefônica, apenas para passar o tempo e me distrair. Meu pai, percebendo o fato, deu-me um cutucão:

– Sabrina! Você ao menos podia fazer de conta que é educada. Não acha? Feche esta agenda e ouça um pouco o que o padre tem a dizer – bronqueou.

Fiz o que ele mandou. No momento não estava disposta a nenhum desafio.

Direcionando minha atenção ao padre, ouvi alguns fragmentos do que dizia:

– A história da padroeira desta casa, Santa Dymphna, é encontrada em uma lenda do século XIII [...]. Durante a Idade Média era colocada uma placa com a inscrição "DIPNA MA" no pescoço do doente, evocando-se em seguida a Santa para a cura [...]. O papel de interceder por epiléticos, sonâmbulos e endemoniados estabeleceu-se em virtude de sua morte, causada pelas mãos de seu próprio pai, um depravado, provavelmente um doente mental...

Não gostei de ter ouvido aquilo.

A ideia de ser morta ou ferida por um lunático, depravado, ainda mais sendo seu próprio pai, virava-me o estômago.

Arrependi-me de ter prestado atenção.

Fingindo ouvir suas palavras, fechei os olhos como se estivesse em oração, dando asas à imaginação. Subitamente, a imagem de uma mulher vestida em trajes que lembravam uma freira surgiu na minha mente com indizível bonomia, sorria para mim. Mas independente do

bem estar sentido, abri os olhos em sobressalto.

O padre naquele momento pode ser ouvido em bom tom:

– Vão em paz e que o Nosso Senhor Jesus Cristo vos acompanhe.

– Até que enfim esta missa acabou – suspirei aliviada, levantando-me apressada.

Reuni-me na saída da clínica com meus pais, despedi-me e caminhei em direção ao meu quarto.

Tinha em mente passar um tempo na biblioteca após o jantar e, decidindo-me, assim o fiz.

Estava na biblioteca lendo alguns quadrinhos, quando Martha, uma das moças com a qual eu dividia o quarto, entrou dirigindo-se a mim:

– Você sabe ler? Que bom. Achei que fosse analfabeta – falou sem expressão.

Ela riu após receber uma resposta minha mal-educada e cortante.

– Posso me sentar?

– Não. Estou ocupada e não quero companhia – falei ríspida.

– Legal... – sentou-se. – Sabe? Estamos programando uma festinha mais para a noite...

– Festinha? – interrompi.

– É... para mais a noitinha. Pensamos que talvez você gostasse de participar. Continua chateada com a gente? Afinal, neste tempo que está nesta clínica, não falou uma palavra conosco – falava enquanto retirava um pequeno embrulho do bolso.

Observando o que continha questioneei:

– Vou ter que pagar por isto? Se for, não tenho dinheiro.

– Não. Aceite como pedido de desculpas. Ninguém imaginou que você fosse tão arrepiadinha\*, tão anti social...

\*Arrepiadinha – Brava, mal-humorada.



Por causa do seu convite e do seu último comentário, vários pensamentos vieram à mente: Ela tinha razão. Posso ser classificada como uma pessoa de pavio curto\*, sem dúvida, mas sabia que meu mau humor excessivo era fruto da situação que estava enfrentando. Obviamente elas não tinham culpa. Estavam praticamente na mesma situação.

Eu sabia que estava tendo alucinações por uso das drogas; senti vontade de dizer não. Minha vida já andava bem complicada, mas ao mesmo tempo eu estava na fissura\* e, para ajudar, me sentia muito sozinha. Precisava sem dúvida de um pouco de diversão e do que ofereciam.

Sendo inteirada sobre como e o quê pretendiam, acabei aceitando o convite.

\*\*\*

Quase à uma hora da madrugada fui acordada delicadamente para não fazer barulho.

Martha estava em pé ao meu lado e entregou o meu roupão. Fez gestos para que eu a seguisse em silêncio.

Juntando-me às demais, segui as três moças sorratamente até o corredor principal.

Achei que o andar em que estávamos fosse o último, mas no final do corredor, encontrei uma pequena escada que eu não conhecia, e levava a um hall que continha duas portas. Abrindo uma delas, constatei ser uma sala grande, utilizada atualmente como depósito de materiais que não eram usados, pareciam-se mais com sucata. Martha chamou minha atenção quando ela abriu a segunda porta. Adentrando, notei ser pequena, lembrava um antigo mas belo escritório agora abandonado.

\*Pavio Curto – Pessoa que se irrita com facilidade.

\*Fissura – Desejo doentio de utilizar a droga após período de abstinência.

– Gostou? Aqui vai ser a nossa biqueira\* – comentou sorridente.

Entramos todas, fechando a porta atrás de nós.

Por gostar de coisas antigas, mas bem cuidadas, passei a observar o local detalhadamente: Continha uma mesa com pés e contornos entalhados que sem dúvida pertenceu a alguém de poderes junto à instituição no passado. À frente da mesa, uma grande janela mostrava-se intacta. Aproximando-me, verifiquei que permitia uma ampla visão de toda a frente da clínica. Permitia ver-se ao longe, até mesmo a principal estrada de acesso.

Questionada por mim, Martha informou-me que a sala era de um antigo diretor, que morreu de causas naturais em sua própria cadeira de trabalho.

Devido a sons vindos das salas superiores que se podia ouvir à noite, acreditaram ser mal-assombradas.

O atual diretor, por ser supersticioso, mandou deixar a sala do velho escritório fechada, abandonando-a definitivamente.

– Você acredita em fantasmas? – perguntei a Martha.

– Não. Claro que não. Só vejo alguns quando estou meio chapada\*...

Sorri, mas lembrando do que Anna comentou no refeitório perguntei:

– Será que não é este o fantasma que anda assombrando a clínica? Conheci outra mulher, Anna, interna na ala dos pacientes psiquiátricos, que me falou sobre o assunto... – Sentei próxima as três e contei resumidamente a história.

– Para com isto. Você acredita nestas bobagens? Se esta sala é realmente assombrada, ótimo! Pode ter certeza que ninguém vai nos procurar aqui. Outra, se esta sua amiga disse isto, ela com certeza está na ala certa.

\*Biqueira – Local destinado ao consumo de drogas.

\*Chapada – Sob o efeito da droga.

Gargalhei, sendo repreendida. Mas ela tinha razão, estávamos seguras.

Enquanto Martha manuseava a droga, caminhei até o fundo do local: Havia ali uma janela simples, sendo possível notar por ela a presença de velhas construções. Cheguei à conclusão que a instituição era feia por qualquer lado que se olhasse.

Não dando mais atenção ao ambiente, ajudei-a a preparar o pino\* no cachimbo. Uma vez pronto, pipamos\* sem medo de sermos descobertas.

Conversávamos sobre várias bobagens, e em certo momento, Vanessa, uma morena alta que compunha o grupo, fez-me uma pergunta:

– Como veio parar aqui?

Expus por alto um quadro familiar complicado e algumas de minhas façanhas que propiciaram meu envolvimento com a droga, assim como alguns incidentes que quase me roubaram a vida e que fatidicamente me levaram àquele lugar.

Martha e Sofia também foram inquiridas com as mesmas perguntas.

Passamos um bom tempo nos conhecendo melhor.

Fiquei sabendo que elas chegaram há apenas dois dias antes de mim. Tendo a informação que receberiam uma quarta hóspede, armaram a brincadeira da aranha plástica para quebrar o gelo.

Sofia disse que a ideia da aranha fora sua, pediu desculpas sobre o susto, mas confessou que adorou o grito que dei. Disse que ficou chateada com o fato de eu tê-la jogado descarga abaixo.

Desculpando-me, prometi no futuro comprar outra igual.

\* Pino – Pedaco da pedra do Crack.

\* Pipamos – ato de usar a droga.

No meio de nossa conversa animada, mas controlada na altura do som, ouvimos a porta pela qual entramos se abrir atrás de nós. Obviamente pensamos se tratar de uma das plantonistas.

Paramos estáticas sem olhar para trás. Não houve tempo nem mesmo de escondermos a droga.

Vimos quando Anna entrou calmamente, calada e, antes que pudéssemos fazer qualquer pergunta, sentou-se ao lado de Martha lentamente e pediu um pouco.

Em breves palavras, apresentei a recém-chegada como sendo a moça das histórias fantasmagóricas. Intrigou-me o fato de como Anna soubera da nossa biqueira. Mas, de qualquer forma, nos sentimos aliviadas.

Em pouco tempo estávamos todas na brisa\*

## **Ilusão Mortal**

### **Sabrina**

Peguei uma toalha e me dirigi ao banheiro.

Abaixei um pouco o volume do rádio que simplesmente gritava e pulei uma baixa mureta que represava a água utilizada dos chuveiros.

Vanessa já estava se ensaboando, reclamou por eu ter abaixado o som do aparelho. Disse que precisava que fosse alto, a água impedia que ouvisse a música direito.

Não dando atenção à reclamação, ocupei um chuveiro vago ao lado.

Sem pressa de sair passamos a conversar bobagens.

Após um bom tempo me senti estranha.

Senti um leve balançar de corpo, como se algo dentro de mim se movesse. Olhei para Vanessa e percebi pela sua expressão, que desfrutara das mesmas ou semelhantes sensações.

\* Na brisa – Ilusão de bem estar provocado pela droga.

– Sentiu? O que foi isto? – perguntou assustada.

– Meu corpo se moveu... balançou... – respondi sem entender. O que você sentiu Vanessa?

– Arrepiei inteira...

Já havia acabado de tomar meu banho, mas ao tentar fechar o registro do chuveiro, vi que este se movia sozinho, aumentando cada vez mais o fluxo de água. Os demais registros acompanharam o movimento, um a um, inclusive o de Vanessa. Tivemos a impressão que alguém ou algo invisível os movia.

Como os ralos não davam conta do escoamento, abaixei-me e bati com a palma da mão, tentando desentupilo sem nenhum resultado.

A água passou a subir rapidamente, mas ao invés de escoar por cima da mureta de retenção, como previsto, alguma coisa impedia sua saída.

Eu estava atônita observando a cena. Tentava entender o que se passava quando, por impulso, tentei sair bruscamente de onde estava.

Não consegui.

Na tentativa, bati violentamente o rosto sobre algo que não pude identificar, sendo jogada para trás.

Passei a mão pelo nariz, o sangue misturou-se com a água em minha mão molhada.

Sentia-me dentro de um aquário, cercada por paredes invisíveis que impediam nossa saída.

Vanessa estava dura, em sua expressão lia-se puro terror.

Na esperança de devolvê-la à razão, chacoalhei-a diversas vezes chamando-a aos gritos. Queria que ao menos me ajudasse a fechar os registros, mas ela não respondia, como se estivesse em uma espécie de transe. Sozinha não conseguia, pareciam-me emperrados.

A água subia de forma não natural e, já próximo à altura do tórax, Vanessa acordou. Soltou um grito violento,

não parando mais de gritar em plena histeria.

Tentávamos de qualquer maneira sair dali.

Quando o nível da água estava quase cobrindo nossas cabeças, cansadas, seguramos no próprio cano do chuveiro rezando para que ele não se partisse.

Algo se moveu sob as águas e, procurando descobrir sobre o que se tratava, mergulhei minha cabeça.

Um rosto feminino se formou abaixo de mim, movimentou-se e parou ao nosso lado, diáfano, desenhado com a própria água. Sorriu e desapareceu em seguida.

A visão foi suficiente para acabar de vez com a minha lucidez.

Vanessa estava alucinada e, descontroladas, gritávamos sem parar.

Ouvi de momento a voz de uma mulher: – O que está acontecendo aqui?– gritou.

Levantei os olhos em direção à voz e, reconheci a figura de uma das enfermeiras que, acredito eu, atendia o setor naquele momento.

Agora eu estava no chão, e toda a água desaparecera.

A enfermeira falava alto, enquanto me levantava pelos braços. Mas, devido ao choque e ao rádio ainda ligado, não consegui entender o que dizia. Acredito que bronqueava comigo.

Olhei para trás e nada de anormal pude ver. Somente o meu chuveiro se encontrava aberto; foi fechado por outra enfermeira que também viera a socorro.

Vanessa, inconsciente, foi imediatamente transportada para a enfermaria.

\*\*\*

Interrogada pelo diretor da instituição, e por já ter sido vítima de ilusões, usei o fator “esquecimento” ao meu favor:

– Não sei do quê o senhor está falando. Não lembro de absolutamente nada além do que eu já disse.

Dispensou-me.

Foi uma ilusão? Se foi uma ilusão, como é que nós duas tivemos a mesma? Ou será que cada uma teve sua ilusão distinta? mas ao mesmo tempo? O que está acontecendo? – pensava.

Sabia que para tirar algumas dúvidas precisava conversar com Vanessa. Caminhei até a enfermaria ao seu encontro. Encontrei-a dormindo sob o efeito de fortes calmantes.

– Droga – pestanejei.

Retornei ao dormitório.

Antes mesmo de passar pela porta, Martha e Sofia vieram ao meu encontro, entupindo-me de perguntas. Somente quando todas estávamos sentadas sobre uma das camas, longe dos ouvidos de funcionários, expus de forma completa o ocorrido.

– Não sei, Sabrina. A única coisa que posso te dizer para ajudar é que uma vez, um dia antes de você chegar, todas nós conversávamos aqui no quarto sobre nossos medos. Vanessa em certo momento confessou ter medo de água, ou melhor, de se afogar. Talvez isto explique o fato dela ter ficado petrificada, enlouquecida, como você contou... mas... e você? Não teve medo?

– Olha, vocês nem imaginam o que passei, mas o que Vanessa sentiu foi bem além do medo convencional – respondi.

\*\*\*

Ficamos sabendo pela boca de uma das enfermeiras que Vanessa acordou algumas horas depois. A experiência que sofreu gerou um trauma devastador; sua mente não conseguia desligar-se dos últimos momentos do incidente,

passando a revivê-los ininterruptamente.

Fora transferida de ala.

\*\*\*

Visitava-a com frequência, presenciando várias vezes o seu acordar em gritos, implorando que a tirassem da água para que não se afogasse. Quando acordada, mostrava-se catatônica, alternando extrema passividade com extrema agitação.

– Sem dúvida nós duas tivemos a mesma ilusão – falei sem ser ouvida por ninguém.

Lembrei-me dos comentários feito por Anna no refeitório, dizendo que ninguém nesta clínica recebia alta, que todos os internos apenas pioravam.

Senti um calafrio.

## **Rafael**

Empurrava um dos carrinhos de roupas sujas em direção à lavanderia quando Sabrina me parou, afoita .

– Olá, Sabrina. Tudo bem com você?

– Acho que sim. Eu preciso falar com você, Rafael. Tem um tempo?

– Sim. Em que posso ajudar?

Sabrina soltou sua pergunta à queima-roupa:

– Quantos pacientes você já viu receberem alta aqui nesta clínica?

Fiquei em silêncio por alguns segundos.

Ela, percebendo que a pergunta de certa forma me afetara, forçou a resposta:

– Fala!

– Calma, não sei – respondi ainda pensativo. Estou aqui há pouco mais de um ano. Eu mesmo já me fiz esta pergunta.

– E nunca se interessou em ir mais a fundo?



## *Qual o seu medo?*

*Marcelo Prizmic*

– Não. Apenas trabalho aqui. Estou nesta clínica porque não consegui arranjar outro lugar, mas pode ter certeza que faço o melhor que posso.

– Não me interessa seu desempenho aqui dentro – respondeu ríspida.

Para não perder as estribeiras com ela, apenas respondi:

– Acabou a conversa! Você é muito grossa! – falei, aumentando a velocidade do carrinho me distanciando.

Ela ficou para trás.

Desci por um corredor íngreme que levava à lavanderia, esvaziando o carrinho em seguida. Coloquei as roupas de cama que recolhera anteriormente dentro de uma enorme cesta.

Sabrina me seguiu em passos menores. Aproximando-se, voltou a falar:

– Desculpa, mas pelo que se fala nos corredores, você deve saber muito bem que ando extremamente nervosa.

– Eu não escuto nada pelos corredores. A vida dos outros não me interessa. Está me chamando de bisbilhoteiro? – respondi ainda chateado.

– Não quis dizer isto... e já te pedi desculpas... Me dá uma chance. Tudo bem?

Suspirei.

Realmente não deveria ter me interessado por ela. Percebi neste instante que perdi a capacidade de dizer não. Envolvido por estes pensamentos, sorri.

– Fala, Sabrina.

Contou-me detalhes, desde o momento em que colocara o pé nesta instituição, sobre suas visões, sobre os comentários de outra paciente de nome Anna da ala de psiquiatria, sobre fantasmas circulando e, finalmente, sobre o ocorrido no banheiro com sua amiga de quarto. Levantou a questão de o lugar ser realmente assombrado, se eu sabia de mais pacientes que sofriam de alucinações.

Dei uma gargalhada. – Estamos em uma clínica psiquiátrica. O que você acha?

Ela me fuzilou com os olhos. Lera nas entrelinhas de minha resposta: “aqui só tem doido, esqueceu?” e obviamente se incluiu. Sem graça, foi a minha vez de pedir desculpas. Voltou a falar sobre o incidente no banheiro, se eu não achava estranho o fato de ambas terem tido a mesma ilusão.

– Claro que sim, e não tenho uma explicação. Mas por que você não disse ao diretor ou ao seu médico o que viu?

– Sou viciada, mas não sou louca. Se eu tivesse contado, tenho certeza que teriam aumentado minha dose de antidepressivos e até incluiriam Naltrexona\* por precaução – sorriu.

Adorei ver seu rosto risonho, fato que até então eu nunca havia presenciado.

– É. Tem razão. Mas diga, o que quer de mim?

– Nada além de informação. Quero saber se houve outros casos assim, se você sabe de alguma coisa sobre fantasmas.

Suspirei, afinal tinha realmente histórias para lhe contar, mas pensei se deveria. Se soubessem que andei enchendo a cabeça dos pacientes com histórias bizarras, fantasmagóricas, com certeza teria minhas contas.

Pensei por mais alguns segundos e, envolvido pelo seu olhar aflito, acabei falando o que, acredito eu, não devia.

– Sim. Existem várias histórias de aparições circulando pela clínica. Vira e mexe, principalmente na área psiquiátrica, surge algum relato novo neste sentido. Na maioria das vezes alguns internos veem pacientes já falecidos em seus últimos momentos.

– Você acredita que são fantasmas?

\* Naltrexona – Droga utilizada pra diminuir a apetência ao álcool

– Olha, a princípio não. Mas como mais de um já viu, ou seja, por ser coletivo, igual ao que acabou de me contar sobre você e Vanessa, me deixou pensativo com certeza. Uma história que de certa forma marcou, foi quando li um depoimento sobre uma aparição na qual o paciente faleceu na sala de eletrochoque; claro, há dezenas de anos. Revirando as fichas antigas, encontraram uma foto que condizia com a descrição feita do morto.

Pensei por mais alguns momentos e concluí:

– Recentemente foi visto uma mulher nua no refeitório. Quando uma das cozinheiras aproximou-se para cobri-la, ela simplesmente desapareceu no ar. Deve ser este o caso que sua amiga Anna mencionou.

Sabrina estava em silêncio, com certeza pensava em tudo que ouvia. Tirei-a de seus pensamentos:

– O que foi? Você não vai fazer com que eu me arrependa de ter te contado, vai?

– Não. Não se preocupe. Eu apenas estava encaixando o que me disse com o que eu já tinha ouvido por aí. Não se preocupe.

Agradeceu-me por ter confiado nela e dito o que sabia. Despediu-se apertando suavemente o meu braço ao sair.

Eu estava surpreso.

– Agradeceu e ainda me tocou? Quem disse que milagres não acontecem? Vai cair uma senhora tempestade hoje – pensei alto.

## **Sofia**

Passava horas e horas na biblioteca, principalmente nos fins de semana, quando, devido ao número reduzido de funcionários, nada acontecia. Nem as fofocas tradicionais ou as historinhas picantes que corriam pelos corredores podiam ser ouvidas para distrair.

Acho que ali era o único lugar em que realmente eu conseguia passar o tempo com satisfação. Tinha em seu

acervo uma coleção gigantesca de revistas de super heróis e mais uma infinidade de gibis antigos.

Caso alguém precisasse falar comigo, havia grandes chances de me encontrar ali.

Sentia-me sozinha depois do que aconteceu com Vanessa. Sobraram Martha que vivia dormindo e Sabrina que vivia desaparecida. A última também gostava de gibis, mas ultimamente nem para isto vinha mais. Desconfiava que Rafael e ela estavam tendo um caso, já os flagrara diversas vezes conversando.

– Ele até que é bonitinho, mas isso com certeza vai acabar mal – pensava.

Devido a enorme quantidade de gibis ali expostos, peguei um a esmo. Depois de ter verificado que não o havia lido, abri na primeira página.

– Paciência. Tem revistas suficientes aqui para ler durante um ano sem repetir. Quem precisa delas? – resmunguei.

Havia acabado de reclamar do sumiço de Sabrina, quando, levantando meus olhos vi que ela entrou pela porta principal.

– O que é isto em seu ombro? – comentou assustada.

Olhando por cima deles não vi nada, apenas um calor estranho nas costas; não consegui identificar a origem.

Outra paciente que se encontrava sentada lendo um livro, levantou-se, correu em minha direção e bateu diversas vezes em minhas costas com a blusa que carregava no colo.

Gritava sem parar:

– Fogo! Fogo! Ajudem a apagar!

– Fogo? Que maluquice é esta? – perguntei incrédula a mim mesma.

Sabrina correu em socorro, mas, não tendo como apagar as chamas que aumentavam velozmente, tentou tirar a blusa que eu vestia naquele momento. Ela era de zíper,

que, emperrado, não descia.

Sabrina, em desespero, lembrou-se do extintor de incêndio que estava pendurado ao lado da porta principal da biblioteca. Após tirar seu lacre pulverizou seu conteúdo sobre mim.

Não surtiu efeito.

Outra moça até então imóvel, arrancou bruscamente a cortina da biblioteca e, após me embrulhar, jogou-me no chão tentando apagar as chamas, abafando-as, inclusive com o próprio corpo.

Ouvia o som característico de cabelo queimando; seu cheiro se espalhou pelo ar.

Vivia neste instante o meu pior pesadelo, alimentado por imagens do passado, em vigília e em sonhos, nas quais revia meus pais morrendo, presos entre as ferragens, gritando por socorro em violento acidente automobilístico.

A explosão final tirou suas vidas.

Imagens do passado e do presente se misturavam levando-me ao desespero. O ardor do fogo tocou minha pele, como se milhares de agulhas a perfurassem de uma única vez.

Comecei a gritar.

As chamas e o seu calor invadiram minhas narinas; levantei-me, ajoelhando-me em busca de ar.

Não podendo mais respirar, cansada, desisti.

Senti uma forte dor no peito.

## **Sabrina**

Sofia encontrava-se enfiada numa poltrona atrás de uma estante de livros quando o incêndio começou.

Enquanto a socorria, eu procurava entender a origem do fogo, mas nada fazia sentido: os livros e tudo mais que a cercava, altamente inflamáveis, mantiveram-se intactos. Nem mesmo o sensor de incêndio que se encontrava praticamente sobre sua cabeça foi ativado com o que

ocorria.

Parei gélida quando um rosto feminino, doentio, surgiu entre as chamas: estava um pouco acima de seu ombro. Tive a nítida impressão que o fogo compunha seu corpo, envolvendo-a em um tenebroso abraço.

Como todas as tentativas de apagar as chamas falharam, não sabendo mais o que fazer, limitei-me a olhar.

Sofia, ajoelhada entre as chamas, acredito eu, desistindo, tombou ao chão.

Fechei meus olhos, não aguentava mais ver.

Virei-me para a porta principal da biblioteca, assustando-me com uma das duas mulheres que estavam em pé: Uma era a enfermeira gorda, que estava ali por acaso e, ao seu lado, Anna. Ambas acompanharam a tétrica cena.

Anna olhou para mim com um sorriso vazio e perguntou: – Você também viu?

Ouvindo o que ela disse, somada a sua expressão idiota, nervosa e com raiva soltei um grito. Senti meu corpo tremer em fúria. Para evitar jogar-me sobre ela, espancando-a, virei-me novamente dando-lhe as costas.

O cenário havia mudado.

Sofia estava caída no chão, porém as chamas desapareceram. Somente a cortina da biblioteca e o pó do extintor que eu havia usado podiam ser vistos sobre seu corpo. Seus olhos transmitiam a pura expressão do horror.

Ao seu lado, as duas moças que ajudaram a apagar as chamas choravam.

Passamos alguns segundos inertes, até que a enfermeira que estava na porta, recuperando-se da cena que presenciou, entrou, abaixou-se e tomou o pulso de Sofia.

Ela estava morta.

Encostei-me numa parede atrás de mim, escorreguei até me sentar no chão e ali permaneci.

## **Medos Máximos**

### **Sabrina**

– Só sei que você está sempre envolvida quando algo acontece – falava o diretor da clínica.

– Não fui a única a ver o que aconteceu. Se tem dúvidas, interrogue seus funcionários que são normais. E se não tem mais nada para perguntar, quero voltar ao meu quarto – falei alterada.

– Por que tirou o extintor de incêndio do lugar se não havia fogo?

– Pelo mesmo motivo pela qual a outra paciente arrancou as cortinas da biblioteca. Mais alguma pergunta?

O diretor pensou por alguns momentos.

Suspirando, finalizou:

– Estou tendo problemas até mesmo com a polícia e preciso de respostas, entende? Mas conversarei com os outros envolvidos, sim. Depois voltarei a falar com você, espertinha. Agora saia!

Não precisou repetir a ordem. Saí da sala pisando pesado em direção ao meu dormitório.

Entrando em meu quarto, bati a porta com força e sentei-me ao lado de Martha.

Contei tudo a ela, com detalhes.

– Parece que aqui, ou se morre ou enlouquece de vez, não é mesmo? – desabafei.

Martha se mostrava assustada como eu.

Expôs algo que até então eu não percebera:

– Você notou que tudo que está acontecendo é só com a gente? Sofia morreu, acredito que de parada cardíaca. Vanessa perdeu a razão, sendo transferida de ala. Só tem mais nós duas... – finalizou com a voz embargada.

Parei, receosa.

Realmente. Qual das duas seria a próxima? – pensei comigo.

Lembrando dos demais incidentes questioneei:

– Mas será que é só com a gente? Ou acontece em outros setores e nós é que não ficamos sabendo? – perguntei tentando ir mais a fundo. Contei-lhe também detalhadamente sobre o que Rafael me disse sobre as aparições de outras alas.

Certas de que não poderíamos ficar paradas e esperar pelo pior, decidimos investigar. Disse-lhe que iria a procura de Rafael que, com certeza, nos ajudaria.

Um pouco antes de terminar o expediente, encontrei-o no jardim. Ocupava-se em aparar alguns arbustos, arredondando-os.

– Preciso de sua ajuda! – disse sentando em um banco e abrindo um livro, na esperança de disfarçar.

Rafael largou sobre um balaustre a tesoura de jardineiro que usava, sacudiu o vegetal para tirar as folhas soltas e, sem virar-se para mim, respondeu:

– Fui proibido de conversar com você. Já nos viram juntos várias vezes. Não querem mais que eu fique de papo com pacientes...

– Por quê? – interrompi.

– O diretor disse que é para a situação não fugir do controle, emendou. Que o que se passa é problema exclusivo dos médicos e da diretoria.

– É? Que “controle” é esse? – frisei, carregando a voz – Será que ele esconde alguma coisa? Ele “controla” o que?

Rafael ficou pensativo, afinal entendera a insinuação. Será que o próprio diretor estava envolvido de alguma forma?

– Outra coisa! Quero você no meu quarto hoje à meia-noite. Nem ouse não aparecer.

Levantei-me bruscamente, virei de costas para ele e saí.



Pontualmente à meia-noite, a porta se abriu.

Rafael entrou silenciosamente em nosso quarto.

– Não acredito que você me convenceu a vir aqui a esta hora. Se me pegarem vou ter muito que explicar. E é lógico que vão pensar bobagens.

Martha sorriu.

– Se pensarem, qual o problema? Você é homem ou não é? – sorri levemente, respondendo sem pensar, embalada pela insinuação de ambos.

Sua expressão mudou.

Não respondeu minha pergunta, apenas me olhou estranhamente.

Após um curto silêncio perguntou:

– Por que me chamou aqui?

Peguei-o pelo braço em silêncio e o fiz sentar-se na cama. Martha sentou-se de um lado e eu de outro encarando-o sem trocarmos uma palavra.

Olhou para ambas assustado.

Percebendo a situação que se formou, adivinhando o que se passava por sua cabeça, comentei:

– Apesar de eu te chamar aqui no nosso quarto a esta hora, perguntar se você era homem, sentarmos as duas na cama ao seu lado, tenha certeza que não iremos fazer o que você está pensando – falei marotamente.

Seu rosto avermelhou.

Fingindo não notar, expliquei em poucas palavras nossos receios e, a conversa, aos poucos, se aprofundou.

Rafael disse que esses fatos às vezes aconteciam na ala psiquiátrica, mas nunca ninguém estranhou, afinal ilusões são comuns a uma certa parte dos pacientes ali internados. Reforçou afirmando o que anteriormente dissera: que não tinha a menor ideia de como uma ilusão poderia ser coletiva.

– Quanto à ideia de haver fantasmas na casa, o que pensar? – perguntou para si mesmo. Nunca nenhum

funcionário declarou abertamente: “Eu vi um fantasma hoje” – carregando a voz – daí, concorda que ninguém se importou?

– Mas e o caso da cozinheira Pipa, que viu a mulher nua na cozinha?

– Ficamos sabendo pela própria boca dela. Só ela viu, e como ela é meio esquisita, ninguém levou a sério.

– É, eu sei... uma vez eu a vi cheirando uma panela... que nojo... mas e quanto às outras aparições, o cara da foto na cadeira elétrica que me contou?

– Nem sei se é verdade, é um blá-blá-blá que quando não se tem o que fazer ficam falando pelos corredores. O depoimento era de uma paciente que já estava pra lá de atrapalhada.

– Mas estão ou não ocorrendo outras mortes estranhas aqui na clínica? – perguntou Martha, forçando o “finalmente”.

– Mortes sempre existiram, mas são raras. Uma das preocupações do Diretor é justamente esta: de uns seis meses para cá o número de pacientes mortos aumentou consideravelmente, ao mesmo tempo em que a piora de vários atingiu índices nunca vistos – virou-se para mim. – E é exatamente por isto que acabei aparecendo aqui hoje. Acho que não deveria ter vindo, mas tenho certeza que há algo estranho acontecendo aqui. Divido a certeza do fato com você.

– Mas você percebeu alguma ligação entre as mortes ocorridas?

– Não. Não conheço a história de cada um... e nem as condições em que as mortes aconteceram – silenciou como se procurasse algo em sua mente. – Vi somente uma paciente uma vez, por isso não tenho como ligá-la a outros casos. Ela foi retirada morta de seu quarto com os olhos abertos. Pela expressão de seu rosto, pareceu-me extremamente assustada. Só isso.

– Tanto Sofia quanto Vanessa estavam desse jeito

quando encontradas – comentou Martha.

– Mas se isso tem alguma ligação, o que foi que as assustou a esse ponto? De uma morrer e outra enlouquecer? – perguntou Rafael.

Um pensamento veio a mente: Lembrei do que Sofia falou sobre o medo de Vanessa depois do incidente no banheiro. – Martha. Você se lembra da conversa que uma vez tiveram aqui no quarto sobre o medo de cada uma? Você estava junto. Lembra? Sofia me disse depois do que aconteceu com Vanessa, que vocês conversavam sobre isso um dia antes de eu chegar, que ela tinha medo de morrer afogada. É isso mesmo? – perguntei, no intuito de confirmar o fato.

Martha ficou muda. Seus olhos faiscaram.

Em quase grito falou:

– Meu Deus! Eu não havia percebido. Cada uma está morrendo de acordo com os seus medos mais íntimos...

– Como assim? – perguntamos tanto eu quanto Rafael em uníssono, ainda não entendendo a lógica da situação.

– Sofia tinha medo de morrer queimada. Seus pais morreram assim – respondeu com uma voz sumida.

Eu e Rafael paramos boquiabertos.

Juntando esta informação, não tivemos mais dúvidas:

O que acontecia era causado por algo inteligente. Alguém ou alguma coisa, seja demônio, fantasma, ou pessoa viva, estava por detrás disto.

Não resistindo, perguntei:

– Martha, me desculpe, mas qual é o seu medo máximo?

Relutou um pouco antes de responder.

– De contrair uma doença estranha, definhar com ela – falou séria e assustada. Tenho tido vários sonhos com isto...

Lembrei dos sonhos estranhos que também vinha tendo, mas achei melhor não comentar para não complicar mais ainda a conversa.

## *Qual o seu medo?*

*Marcelo Prizmic*

– Vá se acostumando com isto, com o seu medo. Imagine-se em possíveis situações nesta condição que mais teme. Caso aconteça algo, você já o terá antecipado e não o sentirá em sua plenitude.

– Como sabe disto? – inquiriu Rafael.

– Eu não tenho medo de nada – respondi segura.

– E a cobra que te mordeu? – perguntou Martha sem maldade, sem o intuito de desafiar.

– Era o último e já superei, ainda mais agora sabendo do que se trata. Pode ter certeza que este tipo de ilusão não me dominará mais. Desmaiei por causa do sedativo, lembra?

– Eu vi sua cara, ou esqueceu que eu estava aqui? Mas tome cuidado você também – rebateu Martha.

O “quase grito” de Martha chamou a atenção da enfermeira plantonista. Ouvindo seus passos Rafael se enfiou debaixo da cama.

– Vocês não acham que é muito tarde para ficarem de “converseiro”? Apaguem as luzes e durmam, não vou falar isto de novo – ordenou.

Martha e eu tiramos nossos uniformes ficando apenas de calcinha e sutiã, como se tivéssemos realmente acatado a ordem de dormir.

Rafael, de onde estava, olhava-me de soslaio enquanto me despia. Fingi não perceber.

A plantonista, convencida de que faríamos o que havia ordenado, retirou-se em seguida.

– O que vamos fazer? – perguntei aos dois, colocando meu roupão.

Saindo de seu esconderijo, Rafael respondeu:

– Eu vou pedir as contas... – falou irônico, com seus pensamentos distantes.

Sorri.

– Não sei. Vamos dormir agora. Pensaremos no assunto com calma amanhã – finalizou Martha.

Todos concordaram.

Rafael se despediu e, sorrateiramente, saiu da clínica voltando para sua casa.

## **Rafael**

Fiquei realmente intrigado com a situação.

Por ter obviamente mais liberdade de movimentos dentro da clínica do que as pacientes, resolvi iniciar uma investigação por conta própria.

À tarde, após ser informado que o diretor havia saído para resolver questões junto ao novo contador contratado pela clínica e que provavelmente demoraria, subi até sua sala.

Como já sabia onde as pastas dos pacientes eram guardadas, abri o arquivo. Estavam em ordem alfabética, tornando fácil a procura pelo nome.

Encontrando os históricos de Sofia e Vanessa, pude confirmar seus medos mediante dados obtidos em entrevista.

– Então é verdade – pensei.

Guardando as anteriores, retirei as pastas de Martha e Sabrina. Li, confirmando o medo de doenças contagiosas e cobras respectivamente.

– Sabrina disse que venceu seu medo. Espero que sim.  
– comentei preocupado.

Pensei em ler as fichas de outras pacientes que sabia haverem tido mortes estranhas, mas como as conhecia por apelidos ou nomes incompletos, a busca naquele momento era impossível.

Ouvindo passos no corredor, tive apenas tempo de recolocar as pastas em seus devidos lugares e me esconder por detrás de um armário que mal cobria meu corpo. Vi quando o diretor entrou, fechando a porta atrás de si.

Sentou-se em sua cadeira e se espreguiçou.

Colocou a mão no queixo como se pensasse no que

iria fazer. Decidindo-se por algo, abriu o arquivo no qual eu acabara de mexer. Separou algumas pastas e tirou uma foto de cada paciente, colocando-as de face para cima sobre a mesa. De onde eu estava não tive como identificar de quem eram.

O diretor levantou-se e trancou a porta, voltando a se sentar novamente.

Não tinha certeza, mas tive a impressão que ele soltou suas calças debaixo da mesa e se tocava enquanto observava as fotos das pacientes.

Minha dúvida durou pouco, suas expressões denunciavam o ato.

Em breve momento soltou um suspiro, caminhando em direção ao banheiro privativo.

Pensei em sair dali naquele momento, mas não podia sem levantar suspeitas: A porta estava trancada, e mesmo podendo destrancá-la e sair, não tinha como trancá-la novamente por fora; se eu assim procedesse, deixando-a aberta, com certeza ele perceberia algo estranho. Desta forma fui obrigado a esperar o momento certo para dali sair.

– Ainda sou obrigado a ver isto. Este cara é que deveria ser internado – pensei.

Após alguns minutos voltou à sala principal parecendo satisfeito. Guardou tudo que havia espalhado saindo depois.

Aguardei mais alguns momentos por segurança.

Parei na soleira da porta, arrisquei um olhar para os lados e, sentindo-me seguro, voltei às minhas obrigações rotineiras.

Fiz uma investigação boca a boca sobre algumas pacientes que morreram com expressões estranhas. Desta vez, conhecendo seus verdadeiros nomes e sobre o que falavam durante o tratamento, retornei à sala do diretor confirmando o que todos desconfiavam.

Arrisquei em ir ao dormitório de Sabrina e Martha durante o dia e encontrei-as deitadas conversando.

– O que faz aqui? – questionou Sabrina.

– Fiz algumas investigações por conta própria, acho que gostarão de saber.

Expliquei o que tinha feito e o que encontrara, omitindo obviamente a consulta sobre suas fichas particulares e o desvio sexual do diretor da clínica.

– Mas por que só pacientes? – perguntou Martha.

– Sabemos que a droga modifica algumas de nossas funções cerebrais, talvez isto explique, sei lá – arrisquei.

– Sim e não, afinal este é o fato que liga todas as mortes. Mas só explicaria se fosse uma ilusão isolada, própria, nunca da forma que está acontecendo, ou seja, várias pessoas presenciando a mesma ilusão. Além do mais, a Pipa não é paciente.

– Vai ver que a Pipa é alcoólatra ou algo parecido e ninguém sabe. Afinal, onde ela arranjou este apelido?

– Pode ser... – sorriu.

A conversa foi curta devido ao horário; passei tudo que sabia e me retirei.

## **Sabrina**

Martha estava abatida, perguntei-lhe a causa:

– Estou tendo pesadelos. Toda esta situação está acabando comigo – respondeu levando a colher à boca.

– Que tipo de pesadelos?

– Sonho que estou doente, com um tipo de doença de pele... do meu lado algumas pessoas riem da situação... e uma outra que fica me olhando com insistência sem nada dizer... sei lá... só sei que eu choro o tempo todo. Por isso acordo várias vezes à noite. Estou cansada.

– Eu também estou tendo sonhos estranhos.

– São pesadelos?

– Mais ou menos... não dão medo, mas é sempre um casal com uma menina, brigam, discutem, algo assim. Sem mais nem menos aparece um homem de negro... depois

tudo some.

– Conhece a mulher que fica do seu lado no sonho? – perguntei lembrando dos rostos presenciado nas ilusões.

– Não... nunca vi.

Fiquei em silêncio por um tempo enquanto mastigava aquela lavagem. Analisava o que acabara de ouvir. Ia perguntar mais alguma coisa sobre o seu sonho quando, erguendo os olhos, a percebi parada e muda.

Perguntei se estava tudo bem, mas ela não respondeu. Simplesmente segurava seu garfo, no meio do caminho entre o prato e a boca. Olhava-o fixamente.

Não percebi nada de estranho, e ela, por perceber minha incógnita, virou sua mão lentamente para mim, mostrando-me as costas.

Uma espécie de verme serpenteava ali.

Enojada, depois de cuspir a comida que estava na boca, tentei ajudá-la.

– Calma. Vou tirar isto de você...

Abaixei os olhos pra pegar um guardanapo de papel, no intuito de levá-lo até sua mão para retirar o visitante indesejado. Neste instante vi que o número de vermes havia aumentado, saiam por debaixo de sua pele até rolarem de sua mão, caindo na mesa.

Martha não abriu a boca, apenas lágrimas rolavam em abundância de seus olhos.

Levantei-me de onde estava enquanto segurava sua mão na tentativa de tirá-los, quando um pensamento óbvio surgiu:

– Martha! Está acontecendo de novo. Isto é uma ilusão. Acalme-se, é o seu pior medo que está por vir. Controle-se – falava pausadamente e em bom tom próximo ao seu ouvido.

Ouvia o que outros pacientes falavam, entre eles alguns “parafusos soltos” atrás de mim:

– O que é isso na mão dela? Ela está apodrecendo?

Uma delas pôs-se a rir escandalosamente.



Não me controlando, empurrei-a violentamente, fazendo-a cair sobre uma das mesas. Ela veio ao chão em seguida recebendo violentos chutes na barriga.

Depois da agressão, gritei para que todas se calassem. Fui obedecida de imediato. Nem mesmo as funcionárias ousaram se aproximar.

Voltei em socorro de Martha, mas esta já se encontrava largada sobre a mesa de cabeça enterrada em sua bandeja. Seu corpo inteiro era uma só chaga, vermes e mais vermes emergiam de sua pele e orifícios. Uma pasta esverdeada escorria de seus braços formando uma poça de fluido apodrecido.

Um cheiro forte de morte invadiu minhas narinas.

– Martha! – gritava chacoalhando-a. Controle-se. Isto é só uma ilusão, vai acabar.

Nada adiantava. Estava imóvel em desesperador silêncio, mas percebia-se pelos seus olhos que se encontrava completamente fora de si.

Quando sua mente desistiu, desfalecendo, tudo que era anormal desapareceu rapidamente como mágica, deixando em seu lugar apenas o corpo da pobre Martha em convulsões.

Foi levada para a enfermaria.

Não morreu, mas por não ter resistido ao choque, foi transferida para a ala psiquiátrica.

\*\*\*

Voltei a ter pesadelos naquela noite.

Novamente a figura de um homem invadiu minha mente. Desta vez tive a certeza que molestava uma pobre criança. Beijava-a como se fosse adulta, e ela, em prantos, tentava afastá-lo da forma que podia.

Uma mulher estranha observava a cena sem intervir.

Enquanto o homem se livrava de sua camisa, outra

mulher entrou em cena, furiosa, com uma garrafa em mãos, quebrando-a em seguida na cabeça do maldito, fazendo-o cair. Ouvi o som do vidro se quebrando e de seus cacos se espalhando pelo chão. O impacto da garrafa não fora suficiente para fazê-lo perder os sentidos. Mesmo machucado, ergueu-se esbofeteando a mulher. Derrubou-a. Desmaiada, não mais se ergueu, deixando o agressor livre em seus atos.

Súbito, cenas de fogo se mostraram vivas, e o mesmo homem de outrora, vestindo roupas negras invadiu a cena, olhou dentro de meus olhos iluminando tudo.

Desta vez acordei aos gritos. Sentei-me na cama imediatamente, tentando relembrar, gravar cada passo do sonho para não esquecê-lo, sabia que os pesadelos tinham forte ligação com o que estava acontecendo: Martha sonhou com sua própria morte. Será que as outras também?

Relembrando detalhes, senti um frio na espinha ao comparar o rosto da mulher de meu sonho, sentada sem nada fazer, com a que vira entre as chamas na morte de Sofia e na água com Vanessa.

Eu já estava desconfiada.

Realmente era a mesma mulher; ou será que não?

– Não pode ser, minha mente criou isso – pensei, ciente de estar abalada e por saber que os sonhos nada mais são do que reflexos do nosso dia a dia.

Meu grito chamou a atenção de uma enfermeira plantonista. Mesmo dizendo que me sentia bem, que fora somente um sonho, contra minha vontade levou-me a enfermaria.

Em conversa com o médico chamado, disse a ele que minha dor de cabeça piorara consideravelmente, que sentia fortes pressões na nuca.

Lendo minha ficha e tomando ciência do meu acidente de carro, pedi exames para o dia seguinte.

## **Psiquiatria**

### **Adrian**

Uma vez acomodados na sala do médico da instituição, este nos falou:

.– Chamei-os aqui fora do horário de visitas porque descobrimos algo em Sabrina que achamos por bem informar-lhes sem demora. Mas antes que pensem no pior, deixe-me dizer que a filha de vocês já está sendo medicada e o que aconteceu é normal.

– Fale de uma vez Doutor. O que aconteceu com Sabrina? – perguntei, angustiado.

– Sabrina apresentou fortes dores de cabeça. Fizemos uma ressonância e percebemos que é devido à pancada que levou no último acidente. Criou algo que chamamos de hematoma subdural, que nada mais é do que um acúmulo de sangue sob o crânio. Como eu já disse, está sendo medicada e passa bem.

– Mas faz mais de mês que o acidente ocorreu. Por que só agora descobriram isto? – perguntou Steffani, incrédula.

– Traumas cranianos deste tipo podem apresentar complicações tardias; em muitos casos, os sintomas aparecem até mesmo depois de noventa dias do acidente.

– Qual a gravidade deste hematoma? – perguntei.

– Nenhuma. Ela já está recebendo o tratamento adequado e, em pouco tempo o problema desaparecerá. Mas tem outra coisa que eu gostaria que vocês soubessem.

– Diga – preparando-me para ouvir outras más notícias.

– O hematoma subdural, como já disse, é um acúmulo de sangue sob o crânio que pode comprimir o cérebro. Ele é conhecido por ser um grande causador de delírios. Desta forma, é bem provável que seja ele o causador das ilusões que sua filha vem sofrendo, e não o resultado do uso de drogas...

– Quer dizer que no fim da história isto é uma boa notícia? – interrompi.

– Sim. Uma vez medicada e o coágulo eliminado, ela estará bem. Digo ainda que, apesar dos incidentes, Sabrina está respondendo muito bem ao tratamento de recuperação. Fiquem tranquilos. Como disse desde o início, chamei-os aqui apenas para informá-los.

Despedi-me efusivamente com um largo sorriso no rosto, feliz com a notícia de que este pesadelo finalmente estivesse findando.

Abracei Steffani em seguida com o mesmo entusiasmo.

Após sairmos de sua sala, seguimos ao encontro de nossa filha para lhe informar as boas notícias.

## **Sabrina**

Meu estômago estava um lixo. Ao invés de acabar com as drogas, cada vez me enfiavam mais. Estava cansada de tomar tantos medicamentos mas, pelo menos, a dor de cabeça diminuía, e por sentir-me melhor, resolvi continuar com as investigações.

Levantei-me da cama e parei na soleira da porta do quarto. O corredor principal estava vazio. A plantonista deveria estar no banheiro, pensei.

Sentindo a passagem livre, caminhei rapidamente até o corredor que levava à área psiquiátrica.

Movia-me preocupada em não ser vista.

Procurando a plantonista daquele setor, encontrei-a roncando sobre uma mesa.

– Ótimo.

Passei sem alertá-la, atingindo os primeiros dormitórios de pacientes. Uma vez ali, caminhei até o fundo do corredor deparando-me com uma porta forte que dava acesso às alas dos pacientes graves. Estava fechada, mas a chave estava pendurada do lado de fora em um local de fácil acesso.

Uma vez aberta, avancei.

O corredor era composto por pequenas saletas, nas quais várias pacientes dormiam, algumas normalmente, outras amarradas em suas camas para não se debaterem e não se machucarem.

Caminhei devagar observando suas ocupantes.

Passei vários minutos analisando o rosto de cada uma das pacientes, buscando algo que não sabia o que poderia ser.

Quase desistindo, um som de respiração ofegante fez com que eu cruzasse o corredor e espiasse pelo vidro de uma das portas, procurando ver o que se passava no interior do recinto.

Parei atônita.

No canto do pequeno quarto, uma mulher estava sentada em uma antiga cadeira de tratamento de eletrochoque. A sua frente, ela mesma, mobilizada por amarras em sua cama, acompanhava a cena.

Seu medo era evidente.

Assistia a si mesma, assistia sua própria dor, assistia seu próprio medo.

Com os olhos arregalados, se contorcia tentando se libertar das amarras. Não proferia nenhuma palavra, estava completamente muda. Acredito que sabia que seus gritos em nada ajudariam.

– Será que esta é a primeira vez? – pensei comigo.

A imagem de terror se intensificou quando uma mulher apareceu do nada e iniciou o manuseio do aparelho.

Prestei atenção no rosto da operadora e quase perdi os sentidos, reconhecendo-a como sendo o mesmo rosto da ilusão do banheiro que enlouquecera Vanessa, assim como a do fogo que matara Sofia.

A primeira descarga elétrica foi aplicada e o corpo da paciente entrou em convulsão.

Uma pausa fora dada.

Quando o corpo se apresentava quase relaxado, outra

descarga era aplicada.

Este ciclo se repetiu inúmeras vezes.

A cada aplicação, a operadora aumentava a energia do aparelho, até que a paciente fosse eletrocutada.

Não sabia se isto era possível, mas dentro da ilusão, esta ação resultou na morte da mulher sentada: Sangue passou a sair de seus ouvidos, olhos e boca, misturando-se com o suor de seu rosto.

A paciente que observava a cena havia desmaiado ou morrido, sei lá. Como não tinha a intenção de entrar para verificar, voltei sobre meus próprios passos retornando ao dormitório.

Pude compreender que as cenas que presenciei representavam o medo máximo daquela pobre coitada, e que talvez, por estar amarrada, tornou-se apenas uma expectadora.

Não havia padrão nestas ilusões.

A víbora somente eu vi, a ilusão de Vanessa, Martha e a de Sofia todos viram. Para finalizar, o caso de Pipa vendo uma mulher nua.

Baseada nesta última experiência na ala psiquiátrica, pensei:

– Será que o medo de Pipa era aparecer nua em público? Ela estava vendo a si mesma? Não acredito! Conhecendo-a, sorri.

Restava agora descobrir quem era a mulher que aparecia nestas bizarras manifestações. Saber se era gente viva ou um maldito fantasma.

As evidências apontavam para a segunda hipótese. Afinal, como uma pessoa comum poderia criar um pesadelo deste tipo? Não dá.

Formulei uma explicação:

– Havia um espírito de mulher, um fantasma, que lia a mente dos pacientes e que de alguma forma criava uma

ilusão dentro de suas cabeças. Este era o meu caso, ok! Ou como aparição, na qual todos podiam ver: Fantasmas não aparecem de vez em quando? Sim. Não aparecem da forma que desejam? Pelo menos nos filmes é assim. Então por que não podiam aparecer desta forma, mostrando o medo dos outros para todos? Podiam, claro. Faz sentido – afirmei para mim mesma.

Lembrando das minhas amigas de quarto, me senti triste naquele momento.

Estava sozinha agora, restava-me somente Rafael.

## **Rafael**

Entrei no almoxarifado para guardar umas ferramentas. Meu trabalho tinha aumentado vertiginosamente de uns tempos para cá, só faltava me mandarem consertar alguns carros que periodicamente quebravam.

Pensava seriamente em pedir um aumento de salário.

Entretido nestes pensamentos, ouvi a porta se fechar atrás de mim. Para minha surpresa, Sabrina entrou silenciosa e perguntou se poderíamos conversar por alguns momentos. Tendo meu consentimento, virou uma lata de tinta vazia de boca para baixo e sentou-se sobre ela.

Contou-me o que fizera na noite passada, visitando a ala psiquiátrica dos pacientes graves e da aparição que presenciara.

– Deixa eu ver se entendi – dei uma pausa. – Você acha que realmente há alguma inteligência por detrás disto? Você já havia mencionado esta possibilidade anteriormente, mas não entendi a lógica...

– Como uma ilusão, seja ela qual for, é exatamente o medo da vítima? Não poderia ser qualquer outra coisa? Percebe desta forma que existe uma seleção?

– E se é selecionado – interrompi – é selecionado por alguém ou por alguma coisa inteligente. O acaso não seleciona nada, claro. Você tem razão, mas não consigo

imaginar quem ou o que pudesse ser capaz disto. Você falou em fantasmas? Não dá. Não acredito, desculpe.

Sabrina não se chateou. Afinal eram apenas suposições, não havia certeza de nada. Sabia apenas que ela estava disposta a ir até o fim desta história. Desta forma, temia o “andar da carruagem”.

Eu, estando um pouco mais que curioso, pedi para que Sabrina me esperasse à noite no mesmo horário de sempre e que me mostrasse onde tinha visto a última ilusão.

Concordando, saiu em seguida.

## **Samira**

### **Rafael**

Na hora marcada encontrei-a impaciente fora de seu quarto. Esperava-me com as costas apoiadas na parede e de braços cruzados.

– Onde está a enfermeira da noite? – perguntei.

– Está doente. Como só tem eu nesta ala, nem se preocuparam em substituí-la.

– É, parece que você está deixando de ser uma ameaça – sorri.

Sabrina acompanhou o riso e, sem mais delongas, seguimos à área psiquiátrica.

Ela seguiu na frente.

Despistamos a plantonista da ala dos pacientes graves, entramos no local onde mencionou ter presenciado a cena do eletrochoque. Olhando para dentro da sala em questão, vi somente uma mulher que dormia um sono agitado. Pareceu-me vítima de pesadelos.

– É esta a paciente que viu ontem?

– Sim – deu uma pausa – pelo menos continua viva, mas duvido que se recupere.

Passamos a observar as outras saletas, uma a uma,



com atenção, eu de um lado do corredor e ela de outro.

Ouvi Sabrina me chamar, mas como não conseguia tirar os olhos do que estava vendo, não a atendi:

Uma mulher vestida de enfermeira, ajoelhada sobre o peito de uma das pacientes, a asfixiava com um saco plástico transparente. Pensei em socorrê-la, testando algumas das chaves do molho que segurava para abrir a porta, mas neste instante a mão de Sabrina pousou sobre a minha impedindo o ato.

Olhando diretamente para os meus olhos, explicou:

– É uma ilusão. Não perca seu tempo.

– Não vamos fazer nada? – perguntei incrédulo.

Antes de responder, Sabrina me afastou um pouco do visor de vidro e, após ela mesma estudar o que se passava comentou:

– Não. Apenas aguarde. Veja se reconhece a falsa enfermeira que está sobre ela.

– Como sabe que é uma enfermeira falsa? – perguntei confuso.

– Não é óbvio?

Relutante, fiz o que Sabrina havia pedido.

Observando a cena atentamente, percebi que a imagem da mulher sobre a paciente era levemente translúcida. Nesta hora não houve mais dúvidas, realmente se tratava de uma ilusão coletiva.

A mulher que a asfixiava, até então de costas para nós, moveu-se, virou um pouco seu rosto permitindo-me constatar ser Samira, uma paciente residente da área de internos graves.

– Samira?! – exclamei incrédulo.

– Você a conhece?

– Sim... é uma paciente residente... – respondi sem expressão.

Vimos quando a paciente perdeu os sentidos, e a imagem de Samira, assim como a do saco plástico, sumiu

lentamente.

– Vocês estão criando uma cobra! Onde ela está agora?

– Na ala norte... – respondi, com os pensamentos distantes.

Sabrina me puxou pelo braço.

Após fecharmos a porta do corredor, deixei o molho de chaves em seu devido lugar e seguimos em direção à ala indicada.

– Quem é Samira? – perguntou Sabrina, enquanto nos deslocávamos.

– Como te disse, é uma paciente residente. Me falaram que foi abandonada na porta da clínica há uns cinco anos. Por não terem encontrado parentes, e o antigo diretor ter se sensibilizado com o caso, permanece até hoje sob nossos cuidados.

Agora que não havia a necessidade de desviarmos das plantonistas para atingirmos o local desejado, lembrei-me de um atalho por uma área sem uso.

Em pouco tempo estávamos de frente a sua porta.

– É aqui?

– Sim. Mas não consigo vê-la. A cama está encostada na parede – pensei um pouco, finalizando:

– Vou buscar as chaves.

Uma vez feito, voltei rapidamente.

Enquanto testava as chaves uma a uma, dei novas informações a Sabrina:

– Ela é uma paciente calma, nunca deu trabalho. Tem a mente de uma criança. Somente come, dorme e brinca o dia inteiro.

– Ela está acordada?

– Um minuto. – uma vez dentro, constatei que dormia. Finalmente respondi: – Está dormindo...

– Então é dormindo que ela trabalha? – perguntou Sabrina praticamente a si mesma. Eu não sabia o que

responder.

Entramos no quarto em silêncio mas, mesmo assim, Samira percebeu nossa presença e acordou.

Sentou-se na cama e perguntou:

– Vieram me visitar?

Sabrina desmaiou neste instante. Se eu não fosse rápido o suficiente para segurá-la, com certeza teria se ferido na queda, batendo a cabeça no chão ou em algum móvel qualquer. Arrastei-a até uma cadeira auxiliar que ali se encontrava e coloquei-a sentada.

Samira limitou-se a observar enquanto eu acariciava os cabelos, o rosto, e apertava suavemente as mãos de Sabrina. Chamei-a diversas vezes pelo nome, até que por fim voltou a si.

Notei que Sabrina havia desmaiado exatamente quando pousou seu olhar sobre a paciente, por isso mudei a posição de meu corpo, ficando entre elas.

– Ela.. ela.. – tentava falar algo extremamente nervosa.

Colocando-a sobre meu peito em abraço, falava para que se acalmasse, que já passara por situações bem piores, que a paciente era completamente inofensiva. Falei sem parar até que Sabrina retomasse lentamente a razão.

Já em controle de seus nervos, explicou:

– Agora, vendo-a de frente, te falo com certeza que ela é também a mulher dos meus sonhos. Está sempre dentro de meus pesadelos, observando calada. É ela que eu vi nas outras aparições – falou em sussurro.

– Ela nunca sai daqui. Veja! – apontando para uma área ao lado que continha brinquedos de várias espécies. Ela come, dorme, brinca... ela vive aqui...

– Eu disse em meus pesadelos – falou alterada, pausadamente, cifrando as últimas palavras.

Virou-se para Samira e perguntou:

– Por que faz isso? Por que mata pessoas?

Ela, não entendendo a pergunta, respondeu:

– Como assim? Você veio brincar comigo? Tenho uma boneca. Você também tem uma?

Sabrina não respondeu nada de momento, mas percebi que sua mente fervilhava.

Finalmente exclamou:

– Eu não trouxe a minha. Acho que está no meu quarto. Você nunca a viu?

– Nunca vi nenhuma boneca no seu quarto. Você só tinha quando era mais criança...

Eu ainda estava com Sabrina em meus braços e Samira, percebendo o fato, emendou olhando para mim:

– Você gosta muito dela, eu sei. Beija ela, beija. – sorriu, com expressões infantis. Você gosta muito dela, eu sei, eu vi...

Eu estava pasmado com o que ouvia.

Soltei Sabrina de meus braços neste momento, ajudando-a a se levantar da cadeira.

Sabrina voltou a perguntar:

– Já que você não viu a minha boneca no quarto, você viu a cobra que estava lá?

– Ahhh. Ela foi embora.

– Como sabe disto?

– Você não tem mais medo dela – e falando como se tivesse decorado uma frase, concluiu:

– O melhor meio de se livrar dos medos é os enfrentando...

Notei que Sabrina iria novamente desmaiar e, antes que isto acontecesse, abracei-a pela cintura, tirando-a do quarto.

Sentei-a no chão do corredor e tranquei a porta.

Sentada, falava de forma entrecortada:

– É ela... ela invade os sonhos das pessoas... descobre seus medos mais violentos... e depois as mata... Invadiu a minha... a sua mente. Cria pesadelos e só observa.

– Acalme-se... – interrompi novamente, abraçando-a.

Amparando-a, nos dirigimos ao seu quarto.

Coloquei-a na cama e, como ela não abriu mais a boca desde então, tentei clarear meus pensamentos com algumas perguntas. Logo de início Sabrina fez um gesto para que eu nada falasse, explicando:

– Não, agora não. Preciso descansar... Não estou bem...

Atendendo seu pedido, cobri-a com um lençol. Fiquei ao seu lado esperando longo tempo até que dormisse. Tentava montar este complicado quebra-cabeças. Para tanto, fiz um retrospecto de tudo que poderia ter ligação com o que aconteceu nos últimos incidentes.

## **Sabrina**

Estava cansada e com os nervos à flor da pele. Não queria dormir. Tinha medo de novas investidas por parte de Samira. Será que realmente eu tinha vencido todos os meus medos? Só aceitei deitar-me na cama devido à companhia de Rafael que se mantinha ao meu lado.

Sentia-me segura com ele.

Pensava sobre os acontecimentos nestes últimos dias em sua companhia e na companhia das outras meninas. Pensava em meus pais, nos profissionais da casa, na situação. Embalada por estas lembranças, não resistindo mais ao cansaço, adormeci.

Acordei cedo com a voz de uma enfermeira que me trouxe os remédios da manhã.

Rafael obviamente não mais se encontrava.

Lembrando que ele havia ficado do meu lado na madrugada, fiquei chateada por tê-lo segurado, acredito eu, praticamente a noite inteira acordado.

– Graças a Deus não sonhei com nada – pensei.

Engoli todos os medicamentos de uma só vez.

Rafael voltou naquela noite para ver como eu estava e

me informou que não havia mais plantonista noturna naquela ala. Disse que poderíamos conversar tranquilamente sem receios de sermos pegos. Desta forma passamos um bom tempo analisando a situação. Em certo momento, como já era de madrugada, ele disse que precisava ir dormir.

Antes de nos despedirmos tomei um copo de água.

Quando pousei suavemente o copo que usei na bandeja que estava no criado mudo, senti uma das mãos de Rafael tocar minha perna chamando-me a atenção.

Ao fundo do quarto uma nova cena se desenrolava ao nosso olhar assustado:

Eram somente imagens translúcidas sem som, como uma TV transmitindo um programa antigo, equivalente às cenas que presenciamos na ala dos pacientes graves, mais precisamente no quarto da mulher que fora asfixiada.

Assistíamos passivamente.

Um homem e uma mulher brigavam sobre algo que não tínhamos conhecimento, mas pelo que víamos, as cenas se referiam a um quadro de crise familiar.

O homem agrediu violentamente a mulher, estava embriagado e mostrava-se contrariado com algo.

Cenas e cenas de violência doméstica passavam por nossos olhos como uma película cinematográfica.

Ao fundo das cenas, a presença de Samira podia ser notada. Apontei-a para que Rafael também a visse; ele balançou a cabeça positivamente.

– Bastarda! – falei alto.

De súbito, o homem pegou a mulher pelos cabelos virando sua cabeça e deixando seu rosto à mostra.

Dei um grito neste instante. A reconheci. Era minha própria mãe.

Como uma explosão de imagens, lembranças vieram à tona: cenas de minha infância, comentários de terceiros sobre o “problema” de meu pai há muito tempo esquecido,

## ***Qual o seu medo?***

*Marcelo Prizmic*

conversas paralelas as quais nunca dei importância. Tudo, tudo agora se encaixava. Pude afirmar sem margem alguma de erro: aquele era meu pai.

Samira, invadindo minha mente, fora buscar minhas dores mais íntimas nos recônditos de minha alma.

Enquanto mastigava estes pensamentos, o homem de negro, tão conhecido, surgiu do nada envolvido por chamadas espectrais. Luzes negras emanavam de seu corpo banhando todo o cenário que, uma vez tocado por ele, desapareceu.

Rafael ao meu lado não se movia.

Lembrei dos pesadelos anteriores e estremeci: Entendi neste instante que a pobre menina até então desconhecida, tratada como adulta pelo homem em seus desvarios, era eu.

Entendi também o porquê da história pessoal de Santa Dymphna revirar minhas vísceras; ela foi morta pelo seu pai, um depravado, e eu, em semelhança, molestada pelo meu.

Um choque elétrico violento percorreu meu corpo inteiro.

Desmaiei, querendo não mais acordar.

## **Fora do corpo**

### **Thomas**

Sabrina não se sentia bem, precisava de algo para esquecer todo o sofrimento que presenciara.

Sua opção de fuga fora ruim: Saindo da cama com dificuldade, apoiou-se sobre os poucos móveis que compunham o ambiente, conseguindo atingir o banheiro.

Olhou para os chuveiros, lembrando-se das cenas que levaram Vanessa à loucura.

Duas lágrimas rolaram por sua face.

Subiu no vaso sanitário para alcançar o parapeito da pequena janela que ali existia e, removendo um azulejo solto, tirou de um buraco escondido um pequeno saco plástico.

Martha utilizava aquele espaço para esconder as drogas que adquiria.

Abriu-o encontrando uma pedra de crack, uma pequena garrafa de vodca e um frasco com a inscrição: Tiopental. Sabia tratar-se de um barbitúrico forte.

Tentei evitar a decisão de Sabrina, mas o calor suave que senti em sua cabeça, e a voz em sua mente dizendo: “Não faça isto. Morrerá!”, não foram suficientes para que mudasse de idéia.

– Se eu morrer? E daí? Paciência – comentou, ouvindo sua própria voz cansada.

Tendo consciência que a queima do crack poderia chamar a atenção de alguma enfermeira, abriu o pequeno frasco e o esvaziou. Tomou de uma única vez todas as cápsulas, empurradas por goles da bebida encontrada.

Escondeu novamente o que sobrou e voltou para a cama.

## **Adrian**

– Você e o médico me disseram que ela não se drogava mais. Como isso foi acontecer? E aqui dentro? Debaixo de suas fuças? – falei enfurecido.

– Não temos a menor ideia de como a droga chegou às suas mãos. Todos os quartos são revistados diariamente. Você sabe disto, conhece nossos procedimentos – defendia-se o diretor da instituição.

– E as outras amigas de quarto que também não resistiram aos seus tratamentos? Uma está morta e outras duas enlouqueceram – dei uma pausa, levantando-me da cadeira.

Aproximei-me a quase um palmo de seu rosto,



proferindo uma ameaça:

– Se ela morrer, tenha certeza que além de processá-lo e acabar com você, vou matá-lo. Nem que para isto tenha que ir buscá-lo no inferno.

Agarrando Steffani pelo braço, dirigi-me em seguida à porta de saída, indo ao encontro de Sabrina.

Encontramo-la na enfermaria em coma. Parecia dormir tranquilamente.

Perguntei ao médico ali presente o porquê do coma e ele, prestativo, respondeu após alguns segundos:

– Pelos exames feitos, foi encontrado em seu sangue tiopentato de sódio e álcool. Sabrina ingeriu uma grande quantidade deste sal que misturado com álcool, torna-se uma mistura explosiva.

– E isto é suficiente para derrubá-la? Colocá-la no estado de coma?

– Sim. Um potencializa o outro. A mistura é suficiente para deprimir o sistema nervoso central e deixar sua filha na forma que a vê. Sinto muito. – finalizou.

## **Sabrina**

Desta vez encontrava-me dentro do cenário que tanto me abalara. Nada mudara além da falta de personagens.

Eu estava só.

Ouvia apenas o som de equipamentos hospitalares ligados, mas como não os via, pensei estarem em alguma sala ao lado.

Com os olhos, procurei Samira não a encontrando.

Tendo a plena consciência que eu estava na clínica, percebi que vivia aquele momento dentro de um sonho comum. Um contraste, entre a realidade e a fantasia.

Pensei em me levantar, explorar este lugar funesto, mas não conseguia me mexer apesar de estar solta e consciente. Via-me apenas coberta por um lençol grosso.

Presenciei a entrada de um homem no quarto. Ele

aproximou-se lentamente. Nervosa, acreditei ser o meu pai biológico. Estremeci.

– Você só me dá trabalho, hein, menina! – comentou o homem com a voz sumida e, parando ao meu lado, perdeu alguns segundos me observando: Contornou com seus olhos minhas formas tentando adivinhar o que se escondia por debaixo dos lençóis. Não satisfeito em apenas olhar, tocou meus pés, apertou-os, subiu pelos tornozelos lentamente parando finalmente sobre meu joelho. Sua mão tremia.

Queria sair dali o mais rápido possível, e envolvida por este desejo, senti algo dentro de mim tremer. Lembrei tratar-se da mesma sensação ocorrida no chuveiro com Vanessa, mas só que, desta vez, algo novo aconteceu: Eu estava em pé agora, ao lado de meu corpo.

Me sentia um fantasma olhando para o diretor e para mim mesma deitada na maca.

Nesta nova condição, o cenário mudara: Entendi neste momento que, antes, eu estava dentro de um sonho, mas o que eu ouvia, era a realidade que me cercava. O homem que havia entrado, o qual pensei inicialmente tratar-se ser meu pai, era na realidade o diretor da instituição. Era a sua mão que estava pousada sobre meu joelho.

Vi o diretor olhar com atenção para a porta de vidro e, notando que não havia mais ninguém por perto, avançou sua mão para minha coxa, acariciando-a pelo lado interno.

Um tempo se passou, mas apesar de me ver fora de meu corpo, continuava a sentir suas mãos me explorando. Senti quando a ponta de um de seus dedos em certo momento tocou minha calcinha, enojando-me.

Antes de desespera-me, graças a Deus, ouvimos sons vindo do corredor. Era Rafael, viera me visitar.

O diretor tirou a mão de onde estava rapidamente, disfarçando seus interesses.

Rafael colocou-se ao meu lado, mas não me via e,

preocupado, buscava informações sobre melhoras. Como em certo momento a conversa não atendia mais a seus interesses, afastou-se do diretor seguindo em direção à cabeceira da maca, passando a acariciar meus cabelos em desalinho com a ponta de seus dedos, da mesma forma que minha mãe fazia.

A contragosto, o diretor não tendo mais o que fazer ali, despediu-se abandonando a sala.

Rafael ficou comigo longos minutos. Sua expressão demonstrava um sentimento maior, sentia facilmente sua sinceridade. Beijou-me na fronte antes de voltar às suas obrigações e, ao sentir o toque de seus lábios, perdi os sentidos.

\*\*\*

Tomei consciência novamente, mas desta vez o cenário era outro. Encontrava-me agora em uma das saletas na ala de pacientes graves. Samira, sentada em uma cadeira ao meu lado, nada fazia, somente observava a cena que ela mesma havia criado.

Eu não sentia mais medo, apesar de presenciar a cena terrífica que atemorizava a paciente de forma indescritível. Sabia ser falsa e, agora, fora do meu corpo, tive a impressão de estar na posse plena de minhas emoções.

Um escorpião gigantesco, praticamente do tamanho humano, estava sobre uma mulher. Suas patas prendiam toda a extensão do corpo, impedindo seus movimentos, enquanto sua cauda a perfurava lentamente.

Cada investida do escorpião levava a pobre paciente a mais um grito desumano. Estranhamente, ninguém a ouvia para vir em seu socorro.

Samira me notou ao seu lado. Levantou-se alegre da cadeira perguntando: – Você veio brincar comigo?

– Sim – respondi mecanicamente.

– Espera. Deixa eu acabar aqui então – falou preocupada.

Notei que ela havia decidido abreviar o tormento da pobre mulher para brincar comigo. Para tanto, controlou o seu escorpião fazendo-o lançar sua cauda, agora em forma de agulha, em direção à cabeça da paciente, atravessando-a. A mulher neste momento desmaiou.

– Vamos! – disse Samira sorrindo para mim e segurando meu braço..

Minha visão turvou-se, tudo a minha volta rodopiou. Sem mais nem menos, estava agora no quarto de Samira. Encontrei-a deitada sobre sua cama, e constatei que dormia profundamente. Por me sentir mal naquele lugar, caminhei em direção à porta para sair dali.

– Ei? Aonde você vai?

Arrepiei dos pés à cabeça naquele instante: Virando-me para o local de onde a voz partia, vi seu duplo\* sentado sobre um cavalo de pau.

Como eu ainda estava em pé, convidou-me a sentar em outro brinquedo semelhante.

Atendendo ao seu convite, fiz o que desejava.

– Aquela mulher tinha medo de escorpião? – arrisquei.

– Sim. Uma vez ela foi mordida por um. Logo logo ela perde o medo.

Percebi que Samira não tinha ideia clara das consequência de seus atos. Eu a via orgulhosa.

Notei também que a sua linguagem melhorou muito nesta condição fora do corpo, dava a impressão que a consciência atingia sua plenitude, como se o corpo de certa forma a reprimisse.

Ainda investigando, perguntei:

– Por que eles precisam ver estas coisas?

\* Duplo – Neste caso, Sabrina estava se referindo à consciência / espírito de Samira fora do corpo.

– Para curá-los, oras... estão aqui por que? Eu os ajudo a melhorar.

– Você ajuda? Como assim?

– Nossa! Como você é burra – sorriu. Todos nós temos que enfrentar nossos medos para sararmos. Você nunca ouviu a frase: “O melhor meio de se livrar dos medos é os enfrentando”? Então, é isto que eu faço. Quando eles perdem o medo, vão embora daqui para serem felizes. Você tem medo de cobras hoje? – perguntou orgulhosa.

– Não. Perdi meu medo.

– E o medo de homens?

– Não. Perdi também.

– Viu? Você devia me agradecer.

– Lógico que te agradeço. Obrigada por me ajudar... – falei forçando um sorriso.

Samira pareceu-me satisfeita.

– Você já conseguiu curar muitos pacientes?

– Ahh.. já, né? Mas nem todos. Tem uns que são fracos, marias-moles...

Lembrei-me de Vanessa, Sofia e de tantos outros que não suportaram as investidas de Samira.

Ela levantou-se neste instante como se tivesse sentido uma agulhada. Correu na direção do dormitório e pegou sua boneca que havia deixado sobre a cama. Tirou uma espécie de cópia. A boneca original ficou no mesmo lugar em que estava.

Senti em seu semblante um receio que não pude compreender. Pedeu várias e várias desculpas à boneca esquecida. Voltando ao seu cavalo de pau, colocou-a sobre o colo, acariciando-a sempre.

Voltamos a conversar:

– Me diz uma coisa... Quem é o homem de preto com capuz que de vez em quando aparece nos meus sonhos?

– Ahh.. Não sei quem é, mas me atrapalha muito – respondeu contrafeita. Depois que ele vem, não consigo

continuar com o meu trabalho. Você não o conhece?

– Não. Nunca o vi.

Depois de um longo tempo conversando fingindo-me sua amiga, pedi para ir embora.

– Como faço para ir para meu quarto?

– Nossa! Você é burra mesmo, hein?!? – respondeu colocando as mãos na cintura. Faz assim: pensa aonde quer ir e vai... oras...

Concentrei-me no refeitório e, como mágica, ali estava eu, no meio do salão.

Pensei em Rafael e instantaneamente encontrei-me em um brilhante parque de diversões. Reconheci como sendo um parque instalado em uma cidade vizinha.

– Mas onde está Rafael?

Procurando-o em minha volta, vi-o sentado em um banco de madeira com outra mulher. Segurava um pacote de pipocas e um balão de gás amarrado em seu braço.

Senti naquele instante o que eu nunca havia sentido na vida: ciúmes.

Curiosa e furiosa, aproximei-me para ver com quem ele sonhava. Quando seus rostos se afastaram de um longo beijo irritante, tomei um choque: Era eu.

Reconheci-me numa beleza indescritível.

Depois de recuperada, pensei:

– É assim que ele me vê? – sorri.

Saí sem ser vista, extremamente feliz do sonho de Rafael.

\*\*\*

Concentrei meus pensamentos em Pipa, a cozinheira nojenta e, após um lampejo, vi-a no meio de uma das ruas movimentadas de nossa cidade.

Caminhava rapidamente entre os transeuntes que

## ***Qual o seu medo?***

*Marcelo Prizmic*

apontavam para ela rindo sem parar. Estava nua, escondendo suas vergonhas do jeito que podia com duas enormes tampas de painéis.

Não vi Samira.

Apesar de agora ter certeza que este era o medo máximo da cozinheira, percebi estar em um sonho comum.

Acredito que depois de várias investidas de Samira, seu psiquismo encontrava-se abalado, viciado. Seus receios eram projetados para seus sonhos de forma automática, sem necessidade de novas intervenções.

A cena era hilária, porém, de dar pena.

Pensei que talvez pudesse ajudá-la e, imaginando que seria interessante ter alguma peça de vestuário em mãos para servi-la, este surgiu: um roupão, conforme havia desejado.

– Então é assim que funciona?

Imaginei-me na próxima esquina, na qual tinha certeza que ela passaria em breve. Lá me projetando, aguardei-a.

Desesperada, corria sem rumo pela calçada.

Vendo-me, parou trêmula.

– Sabrina?

Puxei-a para o meu lado.

Criando uma porta fiz com que entrássemos.

Vesti Pipa rapidamente, jogando de lado suas tampas de painéis, as quais segurava firmemente.

Abracei-a em seguida para que se acalmasse.

Chorava feito uma criança.

## **Vingança**

**Sabrina:**

– Então é assim que funciona? – Sim, é.

– Se eu imaginar um lugar, ali estarei? – Simples!

– Se penso em uma pessoa e ela estiver acordada, fico

## *Qual o seu medo?*

*Marcelo Prizmic*

de seu lado e apenas observo, mas se ela estiver dormindo, entro em seus sonhos? – Fácil!

– Se quero coisas nos sonhos, seja lá qual for, basta imaginar e ali estará? – Ótimo!

Pensava nestas novas descobertas sentada na mesa da enfermaria enquanto contemplava meu próprio corpo, assim como o pinga-pinga ininterrupto do soro aplicado em meu braço inerte.

Rafael sempre que podia passava algum tempo na cabeceira da maca. Eu gostava dele, me fazia bem. Ficava do meu lado dizendo mil coisas em um interminável monólogo.

Já era noite e, ouvindo passos, pensei ser Rafael.

Não era.

A porta se abriu e o diretor da clínica, após entrar afoito, fechou-a rapidamente.

Gelei, pois tinha péssimas lembranças de sua última visita.

Em frações de segundos tirou o lençol que me cobria, deixando à mostra meu corpo seminu. Eu estava de uniforme, calcinha e sutiã.

Parou ao meu lado, observando.

– Vamos ver se hoje você me dá um pouco de prazer, sua maluca – falou com a voz embargada.

Sentindo o que vinha à frente, não querendo ver, pensei em meu quarto. Uma vez lá, ali permaneci olhando para fora da janela os jardins mal cuidados que contornavam a clínica, iluminados pela pálida luz da lua.

Apesar de estar fora de meu corpo, não tinha como fugir às suas sensações. Sentia os movimentos da mão do diretor a me bolinar.

Uma raiva rara me invadiu a alma no momento exato em que senti seu dedo úmido dentro de mim. Esse sentimento aumentou violentamente, atingindo o seu ápice quando todas as imagens de meu passado sendo molestada



vieram à tona.

Movida por esta força inédita, voltei à enfermaria, encontrando-o conforme o imaginado e, levada pelos instintos, me joguei sobre ele no desejo de matá-lo.

Obviamente não surtiu o efeito desejado, atravessei-o sem atingir meu intento.

Notei que, talvez, pelas energias pesadas de fúria que haviam me dominado, ele pode me ver momentaneamente. Soltou um grito e correu até a porta, mas antes de abri-la, parou. Sabedor da gravidade de seus atos, voltou trêmulo e me ajeitou, cobrindo-me novamente.

Quando saiu, eu o segui.

Eu o vi sair apressadamente da clínica, chegar em casa, guardar seu carro na garagem, beijar sua esposa, que questionou se ele estava bem. Talvez notando algo errado.

Como já era tarde da noite, tomou um banho demorado, deitando-se em seguida. Ingeriu um comprimido para dormir.

Sussurrei em seu ouvido: – Um é pouco. Estou muito tenso. Com três por certo dormirei bem.

A sugestão foi aceita; levou seu braço ao criado mudo, pegou novamente o frasco e completou a dose sugerida.

– Ótimo! – pensei comigo, aguardando o momento adequado.

Longo período se passou e, em dado momento seus olhos moveram-se agitados. Seu corpo, acompanhando a por mim desconhecida tensão, se mexia constantemente de um lado para o outro da cama. Com certeza aquele era o momento, e concentrando-me, entrei em sua mente.

O cenário era lúgubre, parecido com um velho barracão abandonado. Facas, foices e uma centena de ferramentas cortantes encontravam-se penduradas nas paredes, assim como outras do mesmo tipo espalhadas por todo lugar, inclusive no teto.

Um pesadelo particular, longe da influência de Samira,

estava em seu início. Verificando suas impressões mentais, constatei que tinha medo de se cortar, ver-se mutilado. Ele estava em pé, e tentava desesperadamente sair dali .

A tensão que realmente sofria estava no fato de não conseguir se mover, pois todas as investidas para sair do local eram frustradas pelos materiais cortantes ali contidos que se moviam, como se tivessem vida própria, impedindo-o.

Fiz-me presente naquele momento integrando-me ao meu sonho. Ao me reconhecer soltou um grito. Tentou fugir enlouquecido esquecendo-se do cenário: Parou, sentindo uma das facas dali atravessar-lhe a perna esquerda.

Soltei uma sonora gargalhada, afinal merecia muito mais do que isto.

Despertada pela ideia “do que ele realmente merecia”, amarrei-o sem tocá-lo, criando cordas que saíram do nada e o envolveram completamente.

Joguei-o amarrado sobre uma cadeira, transformando-a em uma maca hospitalar larga, quase do tamanho de uma cama de casal.

Coloquei-o de pernas e braços abertos. Imobilizado em uma maca na mesma condição das demais pacientes que eram abusadas sem a possibilidade de se defender.

Não havia o que dizer; conhecia seus medos e estava disposta a me vingar.

Olhei ao redor escolhendo a ferramenta correta, e claro, dentro da mente doentia do diretor, ela não poderia faltar: uma serra elétrica cirúrgica. Ela estava sobre o balcão, aguardando seu uso.

Segurei-a firmemente e, após ligá-la, pude ouvi seu som incômodo, irritante, ideal para o momento.

Antevendo o que estava prestes a acontecer, o diretor fazia de tudo para se libertar do pesadelo que o prendia. Tentava a todo custo acordar ou se soltar.

Percebendo sua intenção, sorri, lembrando dos

remédios que tomou.

– Hoje é seu dia – falei baixo, quase sussurrando em seu ouvido.

Ele implorava em prantos e gritos para que eu não o machucasse, que eu mantivesse distância. Pedia para que eu o perdoasse, prometendo nunca mais fazer mal a nenhuma paciente.

– Solte-me, por favor... – pediu por último, em lágrimas, com a voz sumida.

– Vou soltá-lo. Prometo! – respondi, cínica.

Segurei a serra firmemente, pousando-a sobre sua virilha.

Após separar sua perna do restante do corpo, eu disse:

– Pronto. Já está solto de um lado. Agora vou soltá-lo do outro. Tudo bem?

Repeti o processo.

Seu sangue se espalhou por todo o ambiente. Podia sentir o cheiro invadir minhas narinas e o gosto no canto da boca. Apenas seu tronco e seus braços compunham uma peça só. Terrificado, ele parou de falar. Só seus olhos acompanhavam minha mão e a serra sobre seu corpo.

Segurei sua mão direita e perguntei:

– É com esta mão que invade suas pacientes? Fique tranquilo, uma vez removida nunca mais voltará a acontecer. Desta forma, nunca correrá o risco de se sentir culpado. Concorda? – comentei ainda na dúvida se deveria cortar primeiro seu braço direito ou o seu genital.

– Viu com sou boazinha? – finalizei com a voz carregada de cinismo.

Não sei se ele ouviu minhas últimas palavras, constatei que desmaiara, mas o que mencionei serviu para me trazer à razão. Percebi que estava me comportando como Samira, enlouquecida, confusa dentro do contexto do certo e do errado. Sem perceber, estava descontando nele tudo o que me aconteceu, desde a infância até o presente momento.

Eu estava combatendo o mal com o próprio mal.

Neste instante de divagações, senti um calor forte ao meu lado. Uma luz intensa me envolveu. De seu interior uma voz lindíssima de mulher pode ser ouvida:

– Pare, Sabrina. Perdoe. Somos todos crianças que ainda não aprendemos a agir. Todos nós erramos, vencidos pelo dia a dia de nossa existência ou por nossos instintos. Consulte seu íntimo e veja se nunca falhou com alguém, prejudicando-o...

Uma leva de imagens de meu passado invadiu minha mente: Sempre fui uma mulher arrogante, eu bem o sabia e, vislumbrando centenas de episódios que feri outras pessoas de um modo ou de outro, convenci-me definitivamente do erro daquela ação.

Tentei ver quem era a mulher que me falava, mas a luz intensa que irradiava dela não permitia.

Neste momento, perdi a consciência

Recuperei os sentidos e percebi estar na enfermaria novamente. Estava dentro de meu corpo, mas não conseguia me mover. Sentia as mãos suaves de Rafael a acariciar meu rosto, enquanto conversava com uma enfermeira ali presente:

– Já foi tarde, Marlene – dizia – pra mim o diretor era um doido. Fora isto que você me contou, sei de outras coisinhas que eu mesmo presenciei. Acho que você tem razão quanto aos boatos que ele mexia com as pacientes. É bem fácil serem verdadeiros...

– Morreu de parada cardíaca mesmo?

– Sim. Me disseram que foi encontrado em sua cama de manhã, pela esposa. Ele estava com os olhos esbugalhados, parecia que tinha visto um fantasma.

Percebi neste instante que meu ato impensado de vingança fora longe demais. Infelizmente causara a morte do diretor. Estremeci diante do fato.

Notei também que de certa forma, o período no qual fiquei sem consciência fora longo.

– Quem vai substituí-lo?

– A própria esposa. Eu fiquei olhando para ela no velório, mas mesmo não derramando uma lágrima pelo falecido, me pareceu uma excelente pessoa – respondeu, com um leve sorriso no rosto.

– Você não presta, Rafael – comentou a enfermeira sorrindo.

“Apaguei” no meio da conversa.

Retomei a consciência novamente.

Encontrava-me dentro de meu corpo inerte. Via, ouvia, sentia, mas nada podia fazer. Conhecendo as possibilidades e lembrando que não mais havia saído do corpo, resolvi forçar a situação.

Relembrei alguns fatos, principalmente quando tentei fugir das investidas do diretor, tendo como resultado a saída do corpo em seguida.

Imaginei-me em pé ao meu lado olhando para mim mesma, ou seja, projetando minha consciência para outro lugar.

Neste mesmo instante, me senti balançar.

Associei o balançar com o movimento de saída de minha consciência. Insisti, até que depois de várias tentativas frustradas, uma delas surtiu o resultado desejado:

Estava agora em pé ao lado de meu corpo.

Ainda pensando nesta última experiência forçando minha saída, lembrei que a sensação do “balançar” ocorreu também no dia em que Vanessa perdeu a razão no chuveiro. Desta forma, criei sem desejar uma ligação com minha amiga, tendo como efeito a entrada automática em seu mundo mental. Não desejei explicitamente fazer isto, mas tive certeza, neste momento, que precisava ter cuidado com o que pensava neste ambiente fora do corpo.

Vanessa continuava presa dentro de seus delírios.

Agora, estando nesta nova situação, talvez pudesse fazer algo para ajudá-la.

Li, ainda através da minha vontade, suas recordações, seu passado remoto, encontrando um homem idoso que deduzi ser seu avô, respeitado e muito amado por ela.

Estudei um pouco suas formas e feições.

Vanessa neste instante estava submersa em um gigantesco tanque de água. Tentava sem sucesso, desesperadamente respirar. Quando já desistia da fuga, próxima ao afogamento, o grande tanque se quebrou. Ela saiu de sua prisão, escorregando para fora entre água e cacos de vidro.

Sua situação de liberdade durou pouco.

Dentro de alguns segundos, após tentar uma fuga frustrada, encontrava-se novamente dentro do tanque, criando desta forma uma situação cíclica ininterrupta.

Decidida a interferir, aguardei a situação de fuga voltar a ocorrer e, quando ocorreu, coloquei-me à sua frente, me usando a imagem do homem idoso que tinha visto em suas recordações.

– Vovô? – falou-me espantada.

– Vim em seu socorro meu anjo. Dê-me sua mão, vou tirá-la daqui. – Vanessa atendeu meu pedido.

Tirando-a de lá, levei-a para uma praia deserta, ambiente criado naquele momento. Usei as próprias imagens negativas para lhe dizer que estas nunca mais poderiam atingi-la, que sempre que algo de ruim acontecesse eu, seu avô, estaria ali para salvá-la.

Foram sucessivas interferências em sua mente dolorida, até que uma hora Vanessa acordou diferente em seu quarto, completamente calma e equilibrada para surpresa de vários.

Saiu após poucos dias da ala psiquiátrica, recebendo alta definitiva, pois o choque sofrido e o tempo internada

## ***Qual o seu medo?***

*Marcelo Prizmic*

serviram para curar definitivamente sua dependência química.

– Ela com certeza não vai mais querer viajar\*. - pensei.

A experiência me comoveu. Foi muito bom poder ajudá-la e poder receber suas visitas depois. Sua preocupação sincera comigo me deixava muito feliz.

Martha foi a próxima a receber minha visita.

Interferindo em seu psiquismo da mesma forma que fiz com Vanessa, consegui os mesmo efeitos.

## **Pesadelo x Pesadelo**

Meu coma era grave.

Sentia que ficaria nesta situação fora do corpo até minha reabilitação ou minha morte. E depois? Quem sabe...

Eu não comia, não bebia, nem dormia. Precisava fazer algo. Assim pensando, resolvi ajudar outros pacientes.

Neste ponto Samira estava certa: Graças a ela e a tudo que me fez passar, nada mais me assustava.

Recebendo de mim algumas poucas interferências, oito dos internos que sofriam devido à ajuda extra de Samira, sem muitas dificuldades retomaram seu controle.

Pipa também se acalmou. Sugestionei-a para que antes que pegasse no sono, vestisse mentalmente algo bem pesado. Apesar da ideia parecer ridícula, funcionou, pois isto fez com que ela entrasse no “mundo dos sonhos” bem equipada.

– Agora preciso sugestioná-la a fazer melhores comidas – pensei.

\* Viajar – Ficar sobre o efeito da droga.

Passei a caminhar pela ala psiquiátrica dos pacientes graves à noite, vigiando seus movimentos. Mas nada de anormal acontecia.

– Será que Samira morreu e eu não sabia?

Quase isto.

Entrando em seu quarto numa tarde enquanto ela estava sendo atendida, ouvi a notícia que ela havia sido vítima de uma infecção generalizada.

Deduzi naquele momento que os remédios que tomava ou as febres constantes afetaram de forma significativa seu psiquismo, impedindo suas ações diabólicas, ainda que inconscientes.

\*\*\*

Antes de ir embora para casa, Rafael vinha todos os finais de tarde me visitar. Em retribuição, acompanhava-o todos os dias em seu almoço. Passava o tempo todo à sua frente, observando-o mastigar aquela porcaria.

Sempre sentia pena dele neste momento. Para piorar, senti que hoje ele estava triste.

Estava curiosa com o fato, mas não achei educado invadir seus pensamentos.

Olhei para a pista de alimentos e vi que a nova diretora pegava uma bandeja; sem dúvida desejava experimentar o que era servido.

– Parece que o seu problema com a comida está chegando ao fim, meu caro Rafael – comentei, sabendo que ele nunca ouviria.

Ela sentou-se a algumas mesas de nós e se pôs a comer. Não precisou mais que uma garfada para formar uma opinião concreta. Sua expressão de descontentamento era evidente.

– Pensei que era minha amiga! – ouvi atrás de mim uma voz contrariada.



la me virar para ver quem era, mas não tive tempo: Centenas de insetos saíram de minha boca, impedindo que eu pronunciasse qualquer palavra. Tentei gritar, mas nem isto consegui. Sentia-os arranhar minha garganta. Levantei da cadeira assustada caindo ao chão em seguida.

Este realmente não era o meu medo, apesar do nojo que sentia por baratas e outros insetos, mas foi o suficiente para alterar significadamente minhas emoções. Acredito que este fora o motivo pelo qual me tornei parcialmente visível a todos os presentes.

Recuperando um pouco do susto, concentrei-me varrendo todas aquelas criações mentais nojentas para longe de mim.

## **Rafael**

Sentei-me no lugar de costume para almoçar.

Como sempre, nestas horas, pensava em Sabrina. Vinha conversando há dias com diversos profissionais, e nenhum deles tinha como fazer uma previsão para o fim de seu coma.

Encontrava-me naquele momento mais entristecido do que de costume. Estava com saudades, queria poder ouvir sua voz, até mesmo algumas de suas grosserias faria me sentir melhor hoje.

– Que inferno – pensei.

Descansei o talher sobre o prato mecanicamente.

Neste instante, algo no chão se moveu, chamando minha atenção:

Uma massa disforme, em pleno movimento, se formava rapidamente diante de meus olhos. Percebi tratar-se de insetos. Milhares deles, envolvendo ou saindo de algo que não pude identificar.

Pipa, em sua maluquice tradicional, enfiou-se entre eles. Pegando uma vassoura, tentou matá-los.

Como sua vassoura transpassava a tudo, notou tratar-

se de algo sobrenatural e, gritando, afastou-se rapidamente, branca como a neve, escondendo-se entre painéis e alguns móveis da cozinha.

De brusco, todos os insetos se espalharam pelo refeitório como se arremessados por algo.

Uma explosão definiria bem o que foi presenciado por mim.

Uma imagem de Sabrina levantou-se do chão, no local antes ocupado pelos insetos. Só ouvi neste instante bandejas e mais bandejas de comida virem ao chão, escapando das mãos de pacientes e funcionários que ainda se encontravam na fila neste momento.

## **Sabrina**

Livre, olhei finalmente para trás, podendo contemplar minha adversária.

– Você não é minha amiga. Estragou tudo o que eu estava fazendo. Vai pagar caro por isto, vai sim. Sua merdinha – falou Samira, alucinada.

Senti meus olhos escurecerem após a ameaça proferida e, no chão, milhares de cobras procuravam enrolar-se aos meus pés.

Entre as cobras um homem surgiu, erguendo-se lentamente e se aproximando de mim. Reconheci ser o meu pai biológico, o homem de meus pesadelos. Agarrou-me brutalmente pelos ombros me derrubando e, no chão, prendeu-me com um de seus joelhos sobre minha barriga, enquanto se desvencilhava de sua camisa. Já próximo ao meu ouvido, chamou-me de todos os nomes sujos que conhecia. Disse, em certo momento, ser a sua garotinha. Senti seu hálito inconfundível de cerveja.

Olhei para minhas mãos, para meu corpo e, neste instante, vi-me em tenra idade, criança, frágil, debatendo-me contra algo que sabia não ter forças suficientes para afastar.

Quase desistindo, entregando-me aos desejos brutais

daquele monstro, ouvi uma voz dizer:

– É uma ilusão, Sabrina. Esqueceu? Você só se torna vítima se quiser. Domine-se, Sabrina – ordenou. – Você é quem deve vencer esta batalha, pois ela é sua, e é íntima.

Abri os olhos e vi que a voz vinha de um homem de preto, encapuzado, próximo a mim, envolvido por violentas chamadas escarlates. Reconheci como sendo o homem que sempre desmanchava meus pesadelos.

Ele desapareceu, mas recobrando minha razão graças a sua intromissão, fiz com que surgisse em minha mão uma faca longa. Em um único golpe cortei a garganta de meu agressor, porém não surtiu o efeito desejado. Afinal, como matar uma ilusão? No desespero, criei grades que o envolveram completamente. Acredito eu que, por ser do mesmo material mental, funcionou, retendo-o.

Já em posse de minhas formas adultas, levantei-me.

Analisando Samira dos pés a cabeça, lembrei do respeito que tinha pela sua boneca, pedindo desculpas várias vezes por tê-la esquecida sobre sua cama. Percebendo sua falta naquele momento, perguntei sobre ela, na intenção de apenas ganhar tempo:

– Veio sozinha ou trouxe aquela boneca suja para te ajudar?

Quando a procurou e não a encontrou, ameaçou ir buscá-la. Interrompi seu intento, chamando sua atenção:

– Ela está comigo agora e será minha escrava – mostrei em minha mão uma cópia criada naquele instante.

– Vou destruí-la se você não parar. Vou fazê-la em pedaços – ameaçava com a faca ainda em mãos.

A feição de Samira mudou, ficou eufórica.

– Mata ela, mata ela. Ela é má. Não gosto dela. Mata!

Não esperava esta reação.

Esperava justamente o contrário, mas notei que na realidade o que ela sentia pela boneca não era respeito, e

sim medo.

Não perdendo a oportunidade que surgiu, soltei-a no chão e, controlando a imagem formada, fiz com que a boneca ganhasse vida.

## **Rafael**

Sabrina levantou-se quando o corpo do homem foi aprisionado por uma gaiola de metal vinda não sei de onde. Tanto a gaiola quanto o agressor desapareceram em seguida.

Sabrina falou a Samira diversas coisas que não conseguíamos ouvir; colocou a boneca que segurava no chão. Esta, passou a se mover como se adquirisse vida própria ficando finalmente em pé.

A boneca assustava qualquer um. Era como um espantalho saído de algum pesadelo gótico. Caminhou lentamente na direção de Samira, que permaneceu petrificada de medo. Sua boneca tornava-se maior a cada passo que dava. Chegou próxima a ela quase que em tamanho humano natural.

Samira desmaiou sob nossos olhos mesmo antes da boneca tocá-la e, como resultado, ambas desapareceram.

Corri sem pensar em direção a Sabrina. Porém, antes de chegar perto, ela me enviou um beijo com a ponta dos dedos e também desapareceu.

Eu era o único que sabia o que realmente se passava ali, mas nunca imaginei que fosse possível a história chegar a este ponto.

– Mas eram Sabrina e Samira que estavam aqui. Não tem como ser o fantasma delas! – falou uma das enfermeiras.

– Vai ver que elas morreram! – respondeu outra.

Assustado, corri para a enfermaria, acompanhado de

## ***Qual o seu medo?***

*Marcelo Prizmic*

perto por enfermeiras, pacientes, assim como pela própria diretora. Viram o beijo que me foi enviado por Sabrina e, desta forma, sabiam que eu escondia algo. Curiosos, buscavam explicações.

Aliviado, constatei que Sabrina passava bem, apesar de se encontrar em coma.

Desta vez, beijei-a nos lábios.

– Volta pra mim, Sabrina – sussurrei em seu ouvido.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou a diretora, nervosa, já ao meu lado.

– É uma longa história, minha senhora, mas agora precisamos encontrar Samira – respondi ainda ofegante, saindo sem mais nada dizer.

Abrimos a porta de seu quarto procurando por ela e encontramos-a deitada em sua cama.

Seu aspecto era horrível, e ao tocá-la, verificando seu pulso, constatamos estar morta.

– Acho que agora acabou – pensei comigo.

## **Sabrina**

Estava em pé sobre a beirada de um penhasco.

Abaixo de mim somente rochas, lava e fogo compunham este novo cenário.

Não havia um céu propriamente dito, apenas uma gigantesca abóbada de pedra fumegante.

Via ao longe milhares de pessoas aos gritos, com seus corpos ardendo entre as chamas.

Pensei que tivesse entrado no pesadelo de alguém por acidente e, pronta para voltar à enfermaria, fui impedida por uma voz conhecida:

– Você não está na mente de ninguém, minha cara – disse a voz com bonomia.

O homem vestido de negro sempre aparecia na penumbra, de capuz, com um clarão de chamas por detrás dele impossibilitando a visão do rosto. Agora, nesta

oportunidade por ainda estar curiosa inquiri:

– Quem é você? E por que me ajudou em meus pesadelos e neste novo confronto com Samira?

– Sabrina. Cometi muitos erros em minha vida. Sou o que muitos consideram um câncer da sociedade, com razão. Mas apesar de eu me julgar um animal, precisava fazer algo por você. Minha consciência me cobrou muito. Ali, onde você estava, tive a oportunidade de fazer algo em seu benefício. Caso contrário você enlouqueceria.

– Sou grata a você por tudo que me fez, mas até agora não respondeu nenhuma de minhas perguntas. O que sua consciência tem a ver comigo? Que lugar é este?

– Aqui é o lugar para onde as pessoas sem possibilidade de recuperação acabam. Aqui é o que vocês chamam de Inferno. Este é o lugar onde vivo. – frisou.

Estremeci.

– Aqui não é o seu lugar. Se fosse, não me ajudaria – comentei pausadamente, com medo e confusa.

Notei pelo som que emituiu que sorria.

Antes que desse as costas para mim, indo embora, insisti:

– Diga-me quem é você – ordenei, forçando uma resposta.

Relutou por alguns momentos e, finalmente, me respondeu com uma outra pergunta:

– Se você encontrasse seu pai verdadeiro hoje, você o perdoaria?

Sabendo que o homem de negro também estava dentro de minha mente, em meus pesadelos, portanto, conhecedor de meu passado, não estranhei a pergunta.

– Não sei – parei, pensativa. – Aprendi muito sobre a fragilidade humana e os erros decorrentes, principalmente sobre o perdão. Mas o porquê desta pergunta?

Antes que tivesse tempo de responder, uma luz forte nos atingiu, ofuscando nossa visão, mas desta vez não ouvi

a voz de ninguém.

Quando a luz diminuiu de intensidade, percebemos que o cenário havia mudado: ao invés do ambiente dantesco anterior, um vale montanhoso, comum, tomou seu lugar.

Enquanto ambos observávamos ao redor tentando entender a mudança, um homem desconhecido se aproximou. Apresentou-se como um guardião daquele local. Cumprimentou-nos apenas com gestos e pediu para que o homem de negro o acompanhasse.

– Que lugar é este? – perguntou confuso o homem de negro ao guardião.

– Aqui é onde as almas dos homens encontram a oportunidade de mudar, corrigir seus erros e seguir ao Infinito.

– Então... aqui é o Purgatório? – fez nova pergunta, deduzindo do que ouviu.

– O nome depende da crença que professa. Está bem longe do Céu prometido às boas almas. Mas posso lhe garantir que este lugar é bem melhor do que aquele no qual você se encontrava...

Sentindo que o homem de negro estava mudando de moradia devido as suas boas ações comigo, seguindo um novo caminho, voltei a insistir:

– Você vai me dizer quem é... não vai?

O homem suspirou e respondeu:

– Fiz-lhe uma pergunta a você sobre o perdão, mas acho que isto não importa. Você, perdendo ou não, pode ter certeza que sempre a ajudarei. Tenho uma dívida gigantesca com você. Quero, preciso redimir meus erros, quero vê-la feliz... – falou, retirando o capuz, permitindo que eu finalmente pudesse ver seu rosto.

Era o homem dos meus pesadelos. Era Thomas, meu pai biológico. Thomas, o homem de negro que ajudou a combater o pesadelo que ele mesmo criara no passado.

Fiquei paralisada por um longo tempo, sem pronunciar

uma palavra. Não sabia o que dizer ou pensar. Meu corpo tremia, e lágrimas corriam em abundância sobre meu rosto.

Acompanhei com os olhos tanto meu pai quanto o guardião se distanciarem aos poucos, até sumirem definitivamente de minha visão.

## **Santa Dymphna**

Pensando em meu corpo, voltei a ele; desta vez não desejava sair de lá.

Não conseguia me mexer e nem mesmo queria.

Nunca imaginei que a situação em que me encontrava poderia também ser horrível, pois agora não tinha como usar o benefício do sono, do esquecimento.

Apenas o afagar de Rafael me confortava um pouco.

Com exceção de Rafael, de meu padrasto e de minha mãe, nada mais me importava.

Será que a morte também era assim? O que esperava meu pai biológico no Purgatório? Ou a mim?

Envolvida por estes pensamentos, senti novamente um calor forte aquecer meu corpo.

Uma luz intensa me envolveu.

Desta vez, a luminosidade que dela irradiava não tirou minha visão.

Olhei para cima e pude contemplar a imagem de uma bela mulher vestida de freira. Pude vê-la ao centro com rara e nítida perfeição.

A mulher nada dizia, apenas sorria para mim.

Esticou a mão em minha direção emitindo centelhas que se espalharam pelo meu corpo. Como efeito, senti um bem estar imediato que há muito tempo não experimentava, se é que já havia experimentado algo deste esplendor. Feito isto, desapareceu em seguida.



Abri os olhos, percebendo que a luz do ambiente me incomodava. Rafael ainda estava do meu lado, mas de costas para mim e não viu que eu havia acordado. Tentei levantar um dos braços que, respondendo ao meu impulso, permitiu que eu o tocasse na face. Ele se ergueu sobressaltado, como se ferroadado por algum animal. Gritou meu nome abraçando-me efusivamente.

Controlando-se, a seguir pediu desculpas pelo excesso e eu, concordando, fiz sinal apenas para que falasse mais baixo. Meus sentidos estavam atordoados.

Puxei-o pela camisa e beijei levemente seus lábios.

Ele novamente enrubesceu.

## **Recomeço**

Refiz rapidamente meu curso de enfermagem que tinha abandonado há tempos. No término, fui convidada a trabalhar na clínica que me recebeu no passado. Fiquei sabendo que a causa do convite de contratação se baseava em certa conversa de Rafael com a nova diretora:

Ela ficou sabendo de toda a história e claro, relutou a crer. Entre a dúvida dos fatos relatados e a certeza do que vira na cozinha, ou seja, entre não acreditar nesta loucura toda, ou acreditar na luta entre mim e Samira fora de nossos corpos na cozinha, preferiu seguir ambos os raciocínios:

Primeiro – acreditar e me contratar, por entender que eu poderia ser extremamente útil aos novos pacientes.

Segundo – não acreditar, preferindo não pensar mais no assunto.

E assim o fez:

Contratou-me e fez questão de esquecer tudo depois, proibindo alguém tocar no assunto sob o risco de perder o emprego.

Apesar de eu ter passado por maus bocados naquela instituição, aceitei prontamente o convite. Afinal, a experiência fez com que eu me tornasse outra mulher.

\*\*\*

O dom que eu desenvolvi no período de coma não foi perdido, ou seja, não desapareceu após ter recobrado minha consciência física.

Curiosa, procurei em diversos locais, principalmente na Internet, casos parecidos com o meu e o de Samira. Assustou-me saber que o fenômeno é relativamente comum e recebe vários nomes: uns o chamam de “Viagem astral”, “Projeção Astral”, outros de “Desdobramento” e outros ainda de “Experiência fora do corpo”. Descobri existir uma ciência que estuda seriamente este fenômeno tão peculiar: a Projeciologia. Digitando a palavra em questão, vi quase cem mil citações sobre o assunto, podendo observar a existência de vários institutos nacionais e internacionais, grupos de estudo que ministram cursos ensinando técnicas específicas aos interessados: A tal “saída do corpo” de forma controlada, estimulando-se os Chakras\*.

Quanto ao desenvolvimento deste fenômeno, disseram-me apenas que, no meu caso, o hematoma subdural que consegui com o acidente reduziu de forma significativa minha atividade mental consciente, propiciando o desenvolvimento da atividade subconsciente. Ou seja, uma vez o consciente reduzido em trabalho, o subconsciente, ou se quiserem chamar de alma, ou ainda espírito, “tomou a frente”, favorecendo o desenvolvimento do fenômeno. Como resultado, minha consciência manifestou-se para fora do corpo.

\*Chakras – Pontos de entrada e saída de energias, responsável pelo equilíbrio energético de nosso organismo, tanto físico quanto espiritual. Uma vez devidamente carregados energeticamente, possibilitaram a criação do fenômeno.

Foi-me dito também, que as fortes emoções sofridas, como raiva, angústia, medo, deixaram minhas energias e de Samira “pesadas”, a ponto de nos tornarmos visíveis a outros, tanto nós como as nossas próprias criações mentais.

Quem sabe? Tinha apenas a certeza de saber o quanto poderia ser útil o fenômeno quando bem administrado. Com prazer, continuei cedendo minha “ajuda extrafísica” aos pacientes que apresentavam distúrbios traumáticos.

Rafael me disse brincando uma vez, que eu deveria cobrar hora extra por trabalhar tanto de dia como de noite.

Riamos dessas bobagens.

\*\*\*

Tudo corria muitíssimo bem.

A instituição se tornou famosa devido ao grande número de altas hospitalares atingidas. Isto só se tornou possível por um número maior de contratações, entre elas, várias ex-viciadas. Sabiam por experiência própria como lidar com os novos casos.

Como resultado, a clínica superou seu precário estado financeiro agravado pelas mazelas do antigo diretor, sobrando verbas inclusive para melhoria do prédio.

Entre estas reformas, Santa Dymphna recebeu um novo oratório suntuoso, confeccionado em mármore e granito. Apenas o velho quadro a óleo permaneceu intacto.

Hoje eu não acho ruim quando os olhos da Santa Dymphna me perseguem. Ao contrário, sinto-me bem, sinto-me segura sob seu olhar. De resto, cabe dizer que a nova diretora fez algumas substituições na cozinha e, finalmente podíamos comer decentemente.

Eu e Rafael nos tornamos os responsáveis pela recepção das novas meninas, além dele ter sido promovido finalmente para um cargo administrativo. Desta forma, vimos

quando um novo veículo estacionou em frente ao prédio.

A história era sempre a mesma: meninas emburradas, pais preocupados, várias malas cheias de inutilidades. Não raro, observando o semblante das novas internas, sentia-me olhando para um espelho que refletia imagens do meu passado. Mas tudo chegara ao fim, minha dependência química nunca mais cobrou seu espaço. Tenho certeza que Santa Dymphna deu uma mãozinha nesta história.

Após a entrada das moças, abracei Rafael pela cintura adentrando a clínica. Hoje namorávamos abertamente.

\*\*\*

Propositalmente, disse a Rafael que nunca tive a oportunidade de conhecer um parque de diversões montado na cidade vizinha e, certo fim de semana, atendendo meus pedidos insistentes, decidimos visitá-lo.

Caminhamos pelo parque praticamente a noite inteira, ocupando-nos com vários jogos e utilizando os brinquedos que o local oferecia.

Comprei um balão de gás, amarrei em seu braço e, depois, comprei dois saquinhos de pipocas.

Certa hora, cansados de andar de um lado para o outro, decidimos nos sentar em um dos bancos de madeira ali disposto.

Ele reconheceu a cena, comentando surpreso:

– Gozado. Isto aqui já aconteceu...

– Como assim? – perguntei, fazendo-me de desentendida.

– Você aqui, deslumbrante. Este balão no meu braço, pipocas, sei lá... parece que isto já aconteceu... – comentou, tentando entender a lembrança.

Adorei ver o brilho em seus olhos.

Hoje eu tenho a certeza absoluta de saber como ele

*Qual o seu medo?*

*Marcelo Prizmic*

realmente me vê.

– Deve ser isto o que alguns chamam de Déjà-vu... –  
Sorri.

Não dando mais atenção ao fato, beijei-o longamente.

**FIM**



*Esta Edição*

1 – Qual o seu medo?

Próxima:

2 – Vampiros Astrais

***Publicação Trimestral***  
***Consulte seu Jornaleiro***

***Números atrasados ou próximos:  
(Somente Impresso)***

Entre em contato com a editora e receba de acordo com a forma de envio desejada, exemplares atrasados ou próximos na comodidade de seu lar.



**SENSITIVA**  
**EDITORA**

Rua Artista Puzzi, 200 – Centro  
Itápolis – CEP 14900-000  
Telefone: (016) 3262-2313  
São Paulo – Brasil

**[editora\\_sensitiva@terra.com.br](mailto:editora_sensitiva@terra.com.br)**